

**Sam  
Vozes  
Sabes**

# Sam Vozes Sabes

autobiografia de  
Mário Lúcio de Freitas

autobiografia de Mário Lúcio de Freitas



com a colaboração de  
Hellen Palácio

## PREFÁCIO

Sem você saber, a vida de **Mário Lúcio de Freitas** faz parte da sua. Uma trajetória que remonta também a evolução da história da televisão brasileira, da música, das artes na segunda metade do século XX. Mário Lúcio é uma pessoa - e um profissional - que valoriza a alma, a essência de tudo. Soube ele, com a alegria de um pequeno palhaço, dar cores à TV na Era "branco e preto", deu energia na época dos Grandes Festivais, deu tom e tonalidade a grandes nomes da comunicação. Afinal, seria completo o programa Hebe sem a famosa melodia que marcava cada entrada da apresentadora no palco? Teria tensão o "Aqui Agora" sem a expressa marcha que abria o programa? O telespectador será que

iria rapidamente para frente da televisão ver Boris Casoy, se não escutasse a abertura do "TJ Brasil"? Chaves, Cavaleiros do Zodíaco, Bananas de Pijama... Essas e tantas outras atrações receberam criações musicais que tiveram o dedo certo do grande Mário Lúcio. Trilhas, jingles, dublagens... Quem não se lembra da locução: "***Versão brasileira: Gota Mágica, São Paulo***". E quem estava por trás desse estúdio de dublagem? Claro: ele! Sua sensibilidade, sua simplicidade, sua simpatia nos surpreendem, porque cria grandiosidades sem perder justamente a sua essência, a sua verdade. Este é Mário Lúcio e essa é sua história. Sem você saber, irá ler até a última página, com prazer, terminando com aquele gostinho de quero mais. A seguir, as letras se transformarão em músicas, canções, que irão mexer com a

memória de todos. **Tudo criado por ele... sem você saber.**

### **Elmo Francfort \***

**\* Elmo Francfort Ankerkrone** é radialista, pesquisador e crítico de TV desde os anos 1990. Especialista em comunicação empresarial e história do rádio e da televisão. É gerente da Cidade da TV e curador do acervo do Museu da Televisão Brasileira / Associação Pró-TV. É escritor de livros sobre a Rede Manchete e TV Gazeta ("Coleção Aplauso" - Imprensa Oficial), emissoras por onde passaram algumas produções de Mário Lúcio de Freitas e da Gota Mágica. Atualmente também coordena o Centro de Memória Cásper Líbero, da Fundação Cásper Líbero.

# **SEM VOCÊ SABER**

Mário Lúcio de Freitas

Colaboração - Hellen Palácio

Arte de capa - Michel Borges

Revisado e Atualizado

2020

## O INÍCIO DE TUDO

### **1. NOSSO CIRCO**

Tudo começou em 1953 no **Circo Marabá**, de **Nestor de Freitas Filho**, meu pai. Nos anos 1950, circo era algo muito diferente do que o é atualmente. Os artistas eram muito profissionais, as dependências bem tradicionais e a plateia mais entusiasmada. Numa cidade do interior, quando chegava um circo, tudo era festa. Mesmo em cidadezinhas onde, em certos casos, ainda não houvesse energia elétrica, todo seu cotidiano ficava colorido, iluminado e extremamente diferenciado.

Eu tinha apenas 4 anos de idade e, mesmo assim, já queria ser artista, pois isso corria em minhas veias. Assim, mesmo tão novo, resolvi iniciar minha carreira de ator

e, logo a seguir, também a de cantor. Meu pai, que atuava como palhaço, dividia o picadeiro com meu irmão, Mauro Renée. A dupla deles se chamava **Mauro e Beicinho**. Mas eu também queria ser palhaço, talvez, na época, o menor palhacinho do Brasil. Por isso, pedi a meu pai para montar uma segunda dupla: **Renée e Fominha**.



Eu havia ganhado esse apelido um pouquinho antes mas, naqueles tempos, chamar alguém de fominha era uma brincadeira que se fazia com os motoristas

de táxi, que viviam sempre correndo. Pode ser que eu tenha tido um carrinho com essa inscrição. Nunca descobri com certeza o porquê deste codinome mas, o certo, é que ele me acompanha até hoje.

No Marabá, que era um circo-teatro, eu atuava como palhacinho e cantor na primeira parte do espetáculo, a de variedades, e como ator na segunda parte, a das peças de teatro. Quando eu cantava, durante algum tempo, fui acompanhado pelo famoso **Robertinho do Acordeom** (José Carlos Ferrarezi). Robertinho, um dos músicos da nossa companhia, trabalhou posteriormente com **Mazzaropi** e, mais recentemente, nos programas de televisão de **Inezita Barroso**, da TV Cultura de São Paulo. Robertinho faleceu em Janeiro de 2006, aos 66 anos.

Os circos-teatro dos anos 1950

possuíam picadeiro e palco. Os números de variedades eram apresentados no picadeiro e as peças no palco. Em nosso circo, durante algum tempo, havia duas duplas de palhaços fixas: “**Mauro e Beicinho**” e “**Renée e Fominha**”. Meu irmão (**Mauro Renée de Freitas**) se dividia, fazendo **escada (1)** pra mim e pro meu pai, que logo depois resolveu “pendurar as chuteiras” como palhaço, talvez para não ficar se rivalizando comigo, porque eu, por ser criança, levava certa vantagem junto ao público, que ficava admirado com minha desenvoltura pra tão pouca idade.

*(1) Escada é aquele ator que prepara as piadas para o palhaço ou humorista. Trata-se de um profissional pouco reconhecido, mas da maior importância. Uma piada bem preparada, valoriza seu desfecho.*

Meu pai continuou atuando no circo como ator e como ajudante de palco. Antes desta fase, meus pais trabalhavam também como trapezistas de grandes companhias, como a do **Circo Garcia**.

Em 1954, eu já cantava em nosso circo alguns sucessos da atualidade. A canção "**Neurastênico**" (Betinho e Nazareno de Brito), gravada por **Betinho e seu Conjunto** pelo selo Copacabana, era um deles. Um fox-trote saltitante, cheio de expressões onomatopaicas, que fez muito sucesso com a garotada da época. Porém, o que mais chamavam a atenção da plateia eram as viagens que eu fazia por canções que, aparentemente, não tinham nada a ver com a interpretação de uma criança. Assim, era parte do meu repertório, por exemplo, a canção "**O Ébrio**", composta e interpretada

por **Vicente Celestino**, em 1935, gravada em Discos RCA Victor.

Realmente, devia ser curioso se ver uma criança cantando uma canção tão trágica como aquela. Canção esta que, inclusive, veio a ser tema de um famoso filme dramático da **Cinédia**, de 1946, dirigido por **Gilda de Abreu**, que também tinha como título o nome da canção. Por outro lado, esse mix de gêneros e estilos musicais diferentes sempre pautou minha vida profissional. Por coincidência, o próprio **Vicente Celestino**, posteriormente, veio a se apresentar em nosso circo em algumas ocasiões, assim como **Mazzaropi** o fez, já com **Robertinho do Acordeom** em seu conjunto, aquele mesmo músico que havia me acompanhado em nosso circo. **Amâncio Mazzaropi** faleceu em 1981.

Nos anos 1950, era muito comum se ver artistas de cinema fazendo espetáculos circenses. Até hoje me lembro de um show em nosso circo, que teve a participação do ator e cineasta **Anselmo Duarte**, considerado, na época, o maior galã do cinema brasileiro, no auge de sua carreira. Ele não levava muito jeito pra encarar plateias ao vivo mas, mesmo assim, meio desengonçado, ele esteve lá. **Anselmo** faleceu em novembro de 2009.

Outro tipo de espetáculo que acontecia com frequência nos circos eram as peças teatrais baseadas em canções gravadas por duplas sertanejas. **Tonico e Tinoco**, por exemplo, encenava "**Mão Criminosa**" (Tonico e Ado Benatti). Eles mesmos faziam alguns personagens da trama e, depois da peça, apresentavam um show musical, cantando seus sucessos, inclusive a canção-

tema, que a dupla gravou em 1950 pelo selo Continental. Lembro-me bem da principal cena de “**Mão Criminosa**”, na qual um personagem, arrependido de um crime, decepava, com uma machadinha, a própria mão que fizera a maldade. A cena da mão ensanguentada se separando do braço era muito bem feita e impressionava a plateia, que ficava achando que aquilo havia acontecido de verdade. Realmente, muito bom.

## **2. O FIM DO CIRCO MARABÁ**

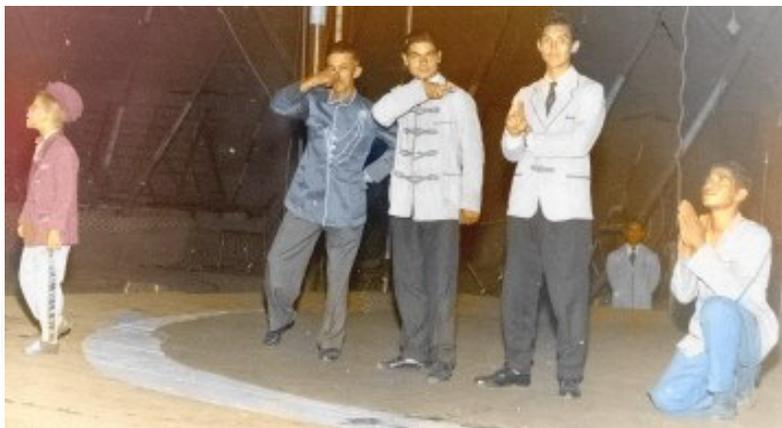
Já em meados de 1956, meu pai, que não era um grande administrador, teve que vender seu circo para pagar algumas dívidas, o que fez com que a gente ficasse, momentaneamente, sem ter onde trabalhar. Teríamos, então, que retornar a São Paulo,

que sempre foi o ponto de partida pra qualquer artista de circo, mas como estávamos no Mato Grosso, na divisa do Brasil com o Paraguai, quando a venda ocorreu, a distância entre os dois pontos era meio grande e uma mudança dessa proporção ficaria muito cara. Nesse ínterim, chegou à cidade de Pontaporã, onde estávamos, uma companhia internacional vinda do Chile (**Circo Pan-Americano de Fieras**), que se apresentaria por uma semana na cidade e, em seguida, iria para São Paulo.

Meu pai, então, teve a ideia de pedir ajuda ao circo, para que incluísse nossa bagagem em sua mudança e, em pagamento, eu e meu irmão faríamos uma apresentação em seu último espetáculo na cidade. A companhia já possuía sete palhaços excelentes, que eram, inclusive,

músicos e muito bem preparados. Portanto, não tinha interesse em nossa dupla mas, pra nos ajudar, aceitou a proposta. Porém, à noite, no espetáculo, nossa dupla agradou em cheio. O dono do circo não acreditava na reação do público. Como não entendia muito bem português, queria saber o que eu falava pra conseguir reação tão espetacular da plateia. Com isso, nossa **participação de favor** se transformou numa **contratação** e passamos, a partir daí, a integrar a companhia. Estávamos novamente empregados.

O **Pan-Americano** era um circo muito grande, possuía três picadeiros, pois, às vezes, apresentava, ao mesmo tempo, mais de uma atração. Quando entrávamos para fazer nosso número, os outros dois ficavam vazios. Geralmente atuávamos no picadeiro central.



Como se sabe, em circo não se usa microfone, ainda mais naquela época. Imaginem como eu tinha que falar forte para que a plateia me ouvisse em todas as suas dependências. Como as piadas, geralmente, agradavam bastante, isso comprovava que o público ouvia o texto direitinho. Havia também uma diferença entre a nossa dupla e os demais palhaços. Como não falavam o português, somente o espanhol, eles utilizavam um tipo de humor mais na base de mímicas, de música, de

apetrechos especiais, tombos e encenações, enquanto que nós fazíamos um humor baseado apenas em textos engraçados e bem interpretados, sem montagens.

Surpreender as pessoas sempre foi meu forte. Ninguém dava um tostão pela nossa dupla que, além do mais, ainda tinha uma criança como integrante. Mas quando me subestimavam, aí é que eu crescia mesmo. Isso ocorreu em várias situações de minha vida e, naquela ocasião, não foi diferente. Era mais uma dificuldade vencida, ali por uma coincidência. Se aquela companhia não tivesse chegado à cidade, teríamos, com certeza, muitos problemas para voltar à capital.

Depois de duas temporadas, o **Circo Pan-Americano de Fieras** voltou para o Chile e a gente passou a trabalhar em

outros circos. Assim, atuamos no **Mundial Circus**, no **Circo Irmãos Farfan**, também internacionais e, principalmente, no famoso **Circo Teatro Liendo e Simplício**.

### **Curiosidades:**

1. Sempre me interessei pela música. Quando eu via aqueles palhaços do **Circo Pan-Americano de Fieras** tocando instrumentos musicais, meus olhos brilhavam. Cantar, eu sempre cantei, mas tocar um instrumento musical também sempre esteve em minhas aspirações. Quando eu estava no circo, cheguei a estudar trompete e acordeom, mas nunca cheguei a tocá-los, de fato. Meu primeiro instrumento foi mesmo o violão, que comecei a aprender somente em 1963.

2. Os grandes circos sempre tiveram um conjunto musical ao vivo, com vários metais em sua formação. Muitos números dos espetáculos tinham a participação da banda, inclusive, fazendo acordes e frases musicais, que reforçavam algumas ações dos artistas, como as quedas, os momentos de tensão, a hora de pedir aplauso, etc.

### **3. CIRCO TEATRO LIENDO**

Nessa época, o Circo Teatro Liendo e Simplício estava se desvinculando da parceria com o famoso humorista da TV, tornando-se apenas **Circo Teatro Liendo**. A família Liendo era repleta de grandes atores. Além do próprio **Benedicto Liendo**, dono do circo, tinha também seus irmãos **Cícero, Oswaldo e Nair Liendo** (que fora esposa de Simplício) e **Maria Cabeluda**,

esposa de Cícero, além de vários grandes artistas contratados, como **Lane Silva**, uma espécie de vedete de teatro de revista, que cantava e fazia monólogos muito interessantes e engraçados.

Muitos desses artistas participaram de vários filmes do cinema nacional. Nas peças de teatro que encenávamos no circo, **Benedicto Liendo** fazia os papéis cômicos e centrais; **Cícero**, os galãs; **Oswaldo**, os bandidos e sem caráter e também os mais velhos; **Nair**, os cômicos e centrais femininos e **Maria Cabeluda**, as mocinhas e bonitonas. **Lane Silva** também fazia algumas mocinhas, eventualmente, quando os papéis eram mais difíceis. Cheguei a participar de algumas peças, mas nem sempre tinha personagens infantis nas histórias. Infelizmente, nesta época, **Benedicto Liendo** faleceu subitamente, no

início dos anos 1960, quando tive até que substituí-lo, em cima da hora, em alguns papéis cômicos, que ele fazia com maestria. Já **Francisco Flaviano de Almeida**, o humorista **Simplício**, muito famoso por seu personagem ligado a cidade de Itu – SP, onde tudo era “**grande**”, das várias montagens da “**Praça da Alegria**”, faleceu em Fevereiro de 2004.

### **Curiosidades:**

1. Quando o **Circo Liendo** estava armado na Avenida Ana Costa, em Santos, antes do espetáculo, nossa turminha de garotos do circo, entre eles **Laércio Liendo**, que era mais novo que eu, ficava pegando carona nos bondes que passavam na rua de trás, que estavam vazios, indo pra garagem. Eram bondes abertos, pois os de estilo

“**camarão**”, parecidos com os ônibus atuais, não haviam chegado ainda. Logicamente, tratava-se de uma brincadeira muito perigosa, mas que a gente curtiá muito.

2. O cobrador dos bondes, nesta época, tinha que ir a cada passageiro para cobrar a passagem e marcar essa cobrança com o som de uma sineta, que ele acionava. Muita gente viajava de graça, quando o bonde estava lotado, pois não tinha como o cobrador chegar a todo mundo. Também diziam que ele cobrava dois pra **Light**, que era a empresa subsidiária dos bondes, e um pra si mesmo. Fizeram até uma música de carnaval discorrendo sobre esse tema: ***“Plim Plim, dois pra Light e um pra mim”***.

3. Foi feito um folheto de propaganda do **Circo Teatro Liendo**, de quando

estávamos em Santos, que tinha uma foto minha, como destaque do elenco. Veja:

**“Fominha, o cômico de 10 anos, a revelação da TV Rio e São Paulo, que vem alcançando grande sucesso no Circo Teatro Liendo”.**



**CIRCO LIENDO**

Na próxima Semana  
**O MEDICO E O MONSTRO**

SABADO

a Novidade das Novidades — a peça de grande Montagem

**A ROSA INJEITADA**

com a Vedete **LANE SILVA** no lindo papel da Rosa

2ª PARTE — **BIG SHOW REVISTA** cheia de novidades!

DOMINGO

As 3h a mais de Terno **MATINE**  
Vendo por ocasião excelente toda criança pagará somente — \$0.00 nos dias de semana. Com a peça:

**ROBY O MONSTRO DE AÇO**

A NOITE — A Gargalhada jocosa

**ASSIM NÃO AGUENTO**

\*\*\*\*\*  
**FOMINHA (Dinhá)**

O Cômico de 10 anos a Revelação de T.V. Rio S. Paulo que vem alcançando grande sucesso no Circo **TEATRO LIENDO**

## 4. CARAVANA DO PERU

No final dos anos 1950, **Sílvio Santos** montou a famosa **Caravana do Peru**, que começou a projetá-lo como apresentador. Sílvio ainda era o locutor comercial de **Manoel de Nóbrega**, assim como **Lombardi** o foi para ele próprio por muitos anos, até falecer no final de 2009. Nóbrega tinha um programa diário na Rádio Nacional de São Paulo, na hora do almoço (**Programa Manoel de Nóbrega**), e fazia semanalmente, à noite, a "**Praça da Alegria**", a original, além de ser dono do **Baú da Felicidade**, que posteriormente fora vendido para o próprio Sílvio, que iniciava, desta forma, sua carreira de empresário. A caravana se apresentava em circos que estavam montados em São Paulo ou em sua redondeza. Participavam dela

**Gessy Soares de Lima**, cantora da Organização Victor Costa, hoje Rede Globo de Televisão; **Sólon Salles**, famoso cantor de serestas; o humorista **Barnabé**; a **Macaca Chita** e uma dupla de palhaços: **Renée e Fominha**. O apelido de “**Peru que Fala**” surgiu porque Sílvio ficava muito vermelho quando estava apresentando um programa. Parece que, com o tempo, ele foi se controlando e, posteriormente, isso quase que deixou de ocorrer. Quanto à caravana, ainda me lembro que íamos para os circos, todos juntos, numa Rural Willians branca e azul, dirigida pelo próprio Sílvio.

### **Curiosidades:**

1. Além de comandar a Caravana do Peru, **Sílvio Santos** se lançou como apresentador de televisão, com o programa

**“Vamos Brincar de Forca”**, no começo dos anos 1960. O mecanismo era o mesmo da famosa brincadeira, onde existia uma palavra a ser descoberta, da qual só se conhecia a primeira e a última letras. Quando se errava uma delas, perdia-se um pedaço do corpo de um bonequinho.

Lembro-me ainda, de quando participei do programa, que a palavra a ser descoberta era **“VENTILADOR”**. Somente as letras **“V”** e **“R”** estavam abertas. Na hora, pensei: ***“Numa palavra deste tamanho, deve haver algumas vogais”***. E ela tinha quase todas, realmente. Com isso, ficou bem mais fácil adivinhá-las. Não errei nenhuma letra e ganhei todos os prêmios. A tática dera certo. O programa **“Vamos brincar de Forca”** ficou no ar por muitos anos, com enorme sucesso, e foi relançado em 2012.



## 5. TV PAULISTA - UMA EMISSORA DA REDE GLOBO

Nesta época, no princípio dos anos 1960, já tínhamos começado a fazer algumas apresentações em televisão, participando de programas humorísticos da TV Paulista. Foi quando me contrataram para integrar o cast **(2)** da emissora.

Ingressei no **Parque de Diversões Cremogema**, como um de seus apresentadores. O programa, que ia ao ar todos os dias, nos finais de tarde, além de mim, tinha como apresentadoras **Mariúza Diniz, Márcia Cardeal e Maria Martha Francisco**, e era dirigido por **Moreira Jr.**

*(2) Cast é um grupo de atores, de artistas, de diretores etc.*

Como “vestibular”, logo me escalaram para fazer um **Teledrama** (Horas de Desespero) na **TV Bauru**, Canal 2, a primeira emissora interiorana da América Latina, pertencente a **OVC** (Organização Victor Costa). O teleteatro fora dirigido por **Walter Avancini**, famoso diretor pela exigência de qualidade em seus trabalhos e também por seu mau humor. Mas, fui aprovado com louvor. **Walter Avancini**, diretor de um sem número de trabalhos de sucesso para quase todas as emissoras, faleceu em 2002.

O teledrama **Horas de Desespero** foi baseado na peça teatral de mesmo nome de **Joseph Hayes**, que também serviu de tema para o famoso filme **Desperate Hours**, da Paramount Pictures, de 1955. Nessa versão, teve **Humphrey Bogart** no papel central. Ele teve uma refilmagem em 1990.

Mesmo já contratado pela emissora, eu continuava me apresentando com meu irmão no **Circo Liendo**, que estava montado na região de Santos. Assim, todos os dias eu ia e voltava pra baixada santista. Atuava em São Paulo na TV Paulista e, logo depois, pegava vários ônibus, às vezes também uma travessia de barco, e ia para o **Circo Liendo**, na região santista. Isso tudo, além de estudar, pela manhã no Colégio Agostiniano São José, no bairro do Belém, em São Paulo.

Não era fácil. E a coitada de minha mãe, **Adélia de Freitas**, tinha que me acompanhar em toda essa empreitada diária.

Mas, mesmo com todo esse sacrifício, ela veio a falecer somente em 1991.

Logo a seguir, surgiram os convites para participar de peças de teatro e séries de TV e cinema, como o **Vigilante Rodoviário**. Então, decidi abandonar o circo e me dedicar somente a esses outros trabalhos. A dupla **Renée e Fominha** estava desfeita.

Meu irmão, **Mauro Renée de Freitas**, continuou trabalhando em circos até o início da década, pois faleceu em 2011, e meu pai, no **SESI** (Serviço Social da Indústria), como eletricista, função que já exercia no circo, em época de montagem e desmontagem da companhia.

Meu pai, **Nestor de Freitas Filho**, que fora palhaço, ator, trapezista, entre outras funções no circo, faleceu em 1974.

Nesta época, no início dos anos 1960, a Philips do Brasil fez uma série de espetáculos teatrais dedicados ao público infantil, dirigida por **Raul Roulien**, famoso ator e diretor, que também trabalhava na TV Cultura de São Paulo. Eu fazia o papel central da historinha, o **Nhô Philito**, personagem que representava, de uma maneira engraçada, a própria Philips.

Na TV Paulista, cheguei a atuar como **ator, apresentador, humorista, cantor, garoto propaganda, redator e diretor**. Havia um programa semanal da Associação dos Radialistas do Estado de São Paulo, a **ARESP**, sobre variedades e curiosidades, que eu escrevia, dirigia e, às vezes, até narrava.

Como eu era o único ator mirim

contratado, assim como Márcia Cardeal era a única atriz mirim, tudo que aparecia, a gente fazia. Assim, nós fizemos muitas vezes o **Teledrama 3 Leões, Pergunte à Câmera, Praça da Alegria** (a primeira delas), **Vidas em Canções, Folias do Golias** e **Miss Campeonato** (onde cada ator representava um time – eu fazia o **Juventus**, o Moleque Travesso), entre vários outros programas da emissora.

O elenco da TV Paulista era recheado de craques: **Manoel de Nóbrega, Walter Avancini, Ivan Mesquita, Yara Lins, Edson França, Waldir Guedes, Rogério Márcico, Farid Riskalah, Walter Ribeiro dos Santos, Luis Pini, Moacyr Franco, Chico Anísio**, entre muitos outros.

Trabalhei com todos eles, mas um fato curioso ocorreu, contracenando com **Ronald**

**Golias**, quando me deu um **branco (3)** no texto que eu deveria falar.

O programa era ao vivo e com plateia. Ainda bem que o Golias percebeu minha dificuldade e mandou uns de seus "**cacos**" **(4)** , quando, logo a seguir, eu me lembrei do restante das falas.

Ronald Golias faleceu em Setembro de 2005, aos 76 anos. Até hoje me lembro do texto que esqueci na hora.

*(3) Dar branco é esquecer o texto, não conseguindo improvisar em cima, ficando quase sem ação. Nestes casos, pode-se até falar algo que não tenha nada a ver com a história.*

*(4) Caco é uma piadinha que não estava no texto.*

Veja o que eu deveria ter falado:

***"Houve por bem meus progenitores, após concludentes debates, trazer-me a esta mansão para que eu e Niquinho trocássemos ideias e distrações. Ser-me-ia útil cumprimentá-lo, pois já se faz necessário um introito entre nossas pessoas".***

O **Parque de Diversões**, depois da Cremogema, passou a ser patrocinado por uma fábrica de roupas infantis, tornando-se **Parque Petistil**.

O símbolo da empresa era um menino sem roupa dentro de uma barrica. Eu fazia o personagem símbolo, o **Petistilino**, atuando ao lado de **Branca Ribeiro** e **Márcia Cardeal**, que, logo a seguir, fora substituída

por **Marília Melilo**, que era mais jovem. Em sua última fase, o programa se chamava **Parque de Diversões das Casas Pernambucanas**.



**Branca Ribeiro**, posteriormente, ao lado de **Agnaldo Rayol**, ainda apresentou por muitos anos, na TV Cultura de São Paulo, o **"Festa Baile"**, um programa dedicado a velha guarda. Adélia Abujamra, curiosamente o mesmo nome de minha mãe, nossa **Branca Ribeiro**, faleceu em

Julho de 2007 quando, então, até me pediram para gravar um depoimento sobre ela para uma emissora de TV.

Principalmente na fase da Petistil, o Parque tinha uma produção elaborada. Diariamente, possuía um formato diferente. Um dia era gincana, outro teatrinho, ou ainda um telejornal infantil, um musical, etc. Nele, e na fase das Pernambucanas, eu sempre cantava uma canção. A canção que mais fazia parte do repertório era "**Palhaçada**" (Haroldo Barbosa e Luiz Reis), que fora gravada pelo cantor **Miltinho** no LP "**Poema do Adeus**" pela Gravadora RGE, em 1962. Essa canção tinha muito a ver com meu personagem **Fominha**, do Circo Marabá, que se apresentava pintado de palhaço.

A **Sessão Zás-Trás** foi a atração que sucedeu os parques de diversões, na

emissora. Um grande elenco apresentava o programa: **Maximira Figueiredo, Márcia Cardeal, Ayres Campos** (que havia interpretado o famoso **Capitão 7**, na TV Record) e **Aristides Molina** (o **Tio Molina**, que depois foi para a TV Bandeirantes). Eu fazia o **Pinóquio**, uma variação do personagem dos desenhos de Walt Disney.

### **Curiosidades:**

1. Num dos teatrinhos do parque de diversões aconteceu algo que me marcou bastante. Era uma historinha meio de faroeste, onde aparecia um pistoleiro que ameaçava atirar em todo mundo, numa pacata cidadezinha do interior. Era um desses tipos machões, que falava agressivamente pra impor sua opinião. Quem interpretou esse personagem foi o ex-

presidente do SBT, **Luciano Callegari**, que atuava pela primeira (e última) vez como ator de destaque. Eu fazia um menino que, sem o pistoleiro perceber, o levava na conversa, fazendo com que ele gastasse suas balas, até ficar sem munição e ser preso. Com isso, o pistoleiro tinha que dar 12 tiros em cena, já que ele possuía 2 revólveres. Nesta época, o som dos tiros era feito pelos **contra-regras (5)**. O ator apenas simulava que atirava. E nessa história, entre cada tiro do pistoleiro, havia um diálogo do menino com ele, que ia amarrando a trama.

*(5) Contra-regra é um profissional que auxilia na montagem dos cenários e na realização de alguns de seus movimentos. Na época, chegava até a apontar as falas para os atores.*

Porém, os revólveres que os contra-regras utilizavam quase sempre falhavam.

Então, quando o personagem tinha que dar um tiro, eles levavam sempre duas armas para não ter problemas. E, como neste caso, tinham que dar doze tiros, eles prepararam quatro revólveres, pois o programa era ao vivo.

Mas, na hora do teatrinho, o mais incrível aconteceu. Embora os contra-regras tivessem com quatro armas, só conseguiram dar dois tiros. Todos os demais falharam. E como **Luciano** era novato como ator, não sabia o que fazer, pois como havia diálogos entre os tiros, e eles acabaram não acontecendo, todo o texto da história acabou ficando meio sem sentido.

Eu, em cena, estava morrendo de rir dos tiros terem falhado e do desespero do Luciano. Tinha até uma árvore no cenário que, em alguns momentos, eu me escondia atrás dela para disfarçar as risadas. Porém, num determinado momento, eu tive que apelar pro improviso, dando um desfecho diferente a história, prendendo o pistoleiro. Nessa hora se fez valer minha experiência de circo. **Luciano**, depois dessa, nunca mais aceitou atuar como ator de destaque. Fora do ar, foi uma risada só.

2. No Parque de Diversões (tanto Cremogema, como Petistil e das Casas Pernambucanas), quando eu cantava, sempre era acompanhado pelo **Zezinho do Acordeom**, aquele mesmo que, posteriormente, tornou-se o **Maestro Zezinho**, trabalhando para **Sílvio Santos**

por muitos anos, fazendo o “**Qual é a Música?**” e demais musicais da casa.

3. Ainda não existia o vídeo tape e, assim, os comerciais desta época eram feitos ao vivo, como toda a programação das emissoras, com exceção dos filmes. Um dos anúncios que eu fazia era o da **Geleia de Mocotó Colombo**, onde eu falava um texto longo, enquanto ia comendo o produto com uma colher de sobremesa. Esse mesmo comercial era feito também por outros garotos propaganda.

Acontece que eu gostava da geleia e fazia numa boa, mas havia quem não gostasse e, então, apenas fazia que comia a geleia e, logo após, ao sair do ar, cuspia tudo. Às vezes, esses comerciais tinham que ser feitos cinco vezes ao dia. Com isso, tinha

garota propaganda que saía da emissora até meio enjoada.

## **6. O VIGILANTE RODOVIÁRIO**

Também no início dos anos 1960, a maior série brasileira de todos os tempos, **O Vigilante Rodoviário**, estava a todo vapor. O **Vigilante Carlos, Lobo, Tuca** e grande elenco batiam todos os recordes de audiência na TV Tupi de São Paulo. Como eu vinha me destacando na TV Paulista, nos programas infantis, convidaram-me para participar da série. Atuei em quatro episódios para a TV:

- **O Suspeito,**
- **Os 5 Valentes**
- **O Assalto**
- **Bola de Meia**

e também no longametragem para o cinema "**O Vigilante Contra o Crime!**". Todos eles filmados entre 1961 e 1962.



A série, produzida por **Alfredo Palácios** e **Cláudio Petrália** e dirigida por **Ary Fernandes**, tinha **Carlos Miranda**, como protagonista, e muitos atores famosos

no elenco (**Stênio Garcia, Milton Gonçalves, Renato Máster**), etc. Todos em início de carreira. Foi filmada nas estradas paulistas e em locações próximas a São Paulo, com colaboração da Polícia Rodoviária, e dublada pelos próprios atores nos estúdios da **Vera Cruz**, em São Bernardo do Campo – SP.

Até hoje, o **Vigilante Rodoviário** mantém comunidades de fãs, tendo sido reprisado pelo Canal Brasil em 2009.

Minha fase na **TV Paulista** - Rede Globo durou de 1960 a 1967, quando pedi para sair. Meus compromissos (já como músico) com outra emissora (**TV Excelsior**) e demais apresentações estavam coincidindo com os da casa e tive que optar entre eles. Cheguei a faltar a algumas escalas da emissora, por causa dessas coincidências.

## **Curiosidades:**

1. Lembro-me ainda, numa das filmagens do Vigilante, que tivemos uma refeição oferecida pela Polícia Rodoviária de São Paulo. Neste almoço, estavam vários policiais e a alta cúpula da polícia, além de nós, os atores, produtores e diretor da série.

**Carlos Miranda**, o Vigilante, almoçou vestido com o uniforme da polícia rodoviária, que ele utilizava nas filmagens. Uniforme este que, posteriormente, ele veio a usar na vida real, pois se tornou um policial rodoviário de verdade, profissão que exerceu por muitos anos.

2. Outro detalhe que me lembro do almoço é que tinha, além de uma comida caseira e muito bem feita, apenas água e

leite para beber, além de um bom papo entre os participantes, é claro.

3. Já em 1993, eu e Carlos Miranda participamos de uma matéria para o programa "**Fantástico**" da Rede Globo. Pediram-me para encontrá-lo de surpresa no Aeroporto de Congonhas, como se eu fosse uma pessoa que iria viajar, para ver se ele me reconhecia. Mais de 30 anos havia se passado e não é que ele me reconheceu!



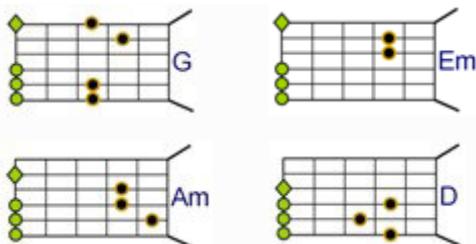
## JOVEM GUARDA

### 7. A PRÉ-JOVEM GUARDA

Em 1964, resolvendo ampliar meus conhecimentos musicais, comprei uma guitarra elétrica. Eu tinha uma amiga (**Soninha de Oliveira**), namorada de outro amigo meu (**Marcelo Gastaldi**), que sabia tocar um pouco de violão. Foi ela que me passou os primeiros acordes no instrumento, ensinando-me a canção "**Ouça**", gravada e composta por **Maysa Matarazzo**, em 1956, faixa do LP "**Convite para ouvir Maysa**", da Gravadora RGE.

Soninha fazia um acompanhamento simples, com somente quatro acordes:

**G** (Sol maior), **Em** (Mi menor),  
**Am** (Lá menor) e **D** (Ré maior);



mas que me fez criar gosto pela harmonização. Logo após, fui convidado a ingressar num conjunto, que estava sendo formado. Nem sei de onde esse pessoal do novo grupo me conhecia. Havia três integrantes do Espírito Santo (**Raul, Nilton e Fernando**), e um da cidade de São Paulo (**Zé Carlos**). Fernando acabou não ficando no conjunto.

Nessa época, a música jovem no Brasil começava a aparecer e programas de rádio e depois de TV, tipo "**Ritmos para a Juventude**", de **Antônio Aguillar** ou até outros na mesma linha, como os dos

apresentadores **Ademar Dutra, Miguel Vaccari Neto, Ferreira Martins, Jorge Helal**, etc. que já faziam sucesso, tocando esse gênero.

Aproveitando essa onda, apareceram vários conjuntos que tomariam conta do cenário musical. Entre eles, **The Jet Black's, The Jordan's, The Rebel's, The Bell's, The Clever's** (que virou "Os Incríveis"), **Renato e seus Blue Caps, The Fever's**. etc. Eles iam em cima do estilo dos grandes conjuntos internacionais, que faziam música instrumental, como **The Shadows** e **The Ventures**. Esses grupos não cantavam, apenas solavam a melodia com a guitarra, com o órgão ou com o saxofone. E era exatamente esse tipo de música que a gente iria fazer.

Nos primeiros ensaios, nosso conjunto, que se chamaria "**Os Gianninis**", tinha

quatro guitarristas e um baterista. Era muita guitarra. Um de nós deveria ser o baixista, e isso acabou sobrando pra mim. Troquei minha guitarra e seu amplificador por um baixo elétrico e um amplificador de contrabaixo e comecei a estudar o instrumento. Como eu era contratado da **TV Paulista** como ator, a gente tinha que esperar uma brecha para poder fazer alguma viagem, para o conjunto pegar experiência. Isso somente ocorreu em minhas férias da emissora. Fizemos nossa primeira turnê musical pelos arredores de Brasília, que tinha acabado de ser inaugurada. Um empresário, chamado **Cavalheiro**, contratou a banda e nos levou (de carro) pra lá. Essa foi nossa primeira turnê e também nosso primeiro “**cano**” (6) sofrido.

*(6) Dar o cano é fugir sem pagar.*

O empresário, no meio da excursão, sumiu e nos deixou sem dinheiro para voltar a São Paulo. Se não fosse a mãe de nosso guitarrista solo, **Raul de Barros**, ir nos buscar, nem sei como voltaríamos. E o nome do empresário era "**Cavalheiro**". Imagina se não fosse?

Vários músicos dos **Gianninis** acabaram se destacando, posteriormente, em outros conjuntos famosos. Entre eles:

- **Zé Carlos: "Som Beat"**, um excelente conjunto de rock, por sua precisão e pegada. Um dos melhores da época.

- **Raul de Barros: "Os Tremendões"**, que acompanhou Erasmo Carlos por muitos anos, inclusive na Jovem Guarda, posteriormente, e

- **Marito: "Supersom TA"**, importante conjunto de bailes, com décadas de existência.

## Curiosidades:

1. O nome "**Os Gianninis**" (o mesmo do famoso fabricante de instrumentos) foi colocado com a intenção de se ter facilidades na montagem da aparelhagem do grupo, pois ninguém do conjunto tinha esse sobrenome. Foi, realmente, uma tentativa frustrada de marketing, pois a Giannini não nos ajudou. Mas o plano acabou dando certo por vias tortas, pois a **Phelpa**, concorrente da **Giannini**, acabou nos doando todos os amplificadores que precisávamos. Ficou engraçado "Os Gianninis" tocando com Phelpa.

2. Desta excursão a Brasília, participou também o cantor **Tommy Staden**, que mais tarde se tornou famoso com o pseudônimo de **Terry Winter**.

## 8. JOVEM GUARDA

### O PROGRAMA DE TV

Aproveitando-se desse sucesso repentino da música jovem no Brasil, a **TV Record** de São Paulo resolveu juntar os principais conjuntos e cantores da época num programa de TV mais produzido, com mais investimento, utilizando toda a tecnologia existente. Contratou-se, então, um elenco, de artistas radicados em São Paulo e no Rio de Janeiro e colocou-se como apresentador, não um comunicador de rádio, como era de praxe, mas sim um jovem cantor e compositor que vinha se destacando muito no cenário musical brasileiro: **Roberto Carlos**.

O programa tinha uma plateia gabaritada. Nesta época, a televisão ainda

não mantinha "**cliques**" (7) para aplaudir os artistas, como passou a ocorrer nos anos 1980. Era tudo de verdade, e um ingresso para assistir o programa era muito disputado e caro. Como o Teatro Record não possuía numeração de assentos, pra conseguir um bom lugar na frente, a plateia chegava bem cedo. Por isso, para ajudar a distrair o pessoal na fila, a emissora resolveu contratar um conjunto pra tocar num palco montado, ao ar livre, em frente ao seu teatro. E o conjunto escolhido pra essas apresentações de rua foi exatamente **Os Gianninis**. Isso mesmo, o nosso conjunto.

*(7) Clique é uma plateia paga para aplaudir. Não é espontânea. Hoje em dia, muito utilizada.*

Vários grupos famosos faziam parte do programa de TV, entre eles, três em especial tiveram a ver com minha carreira: **The Beatniks, Os Incríveis e The Jet Black's**. O primeiro, cantava um repertório mesclado de músicas dos **Beatles** e dos **Rolling Stones** e os outros dois faziam música instrumental. As formações desses conjuntos, na época da Jovem Guarda, em 1965, eram:

- **Beatniks** – **Márcio** (guitarra solo), **Bogô** (guitarra base), **Nenê** (contrabaixo), **Nino** (bateria) e **Régis** (teclado).

- **Os Incríveis** – **Manito** (saxofone), **Risonho** (guitarra solo), **Mingo** (guitarra base), **Neno** (contrabaixo) e **Netinho** (bateria).

· **The Jet Black's** – **Gato** (guitarra solo), **Serginho Canhoto** (guitarra base), **Zé Paulo** (contrabaixo), **Nestico** (Saxofone) e **Jurandi** (bateria).

O líder dos Incríveis, **Manito**, que era um excelente saxofonista, solava quase todas as canções. Algumas eram soladas na guitarra pelo **Risonho** e outras poucas cantadas pelo guitarrista **Mingo**.

No caso do Jet Black's, as canções eram soladas por seu líder, o guitarrista **Gato**. Somente seu baixista, **Zé Paulo**, arriscava cantar algumas canções. Em alguns discos, poucas canções foram soladas pelo saxofonista **Nestico**. Isso acontecia esporadicamente.

Várias semanas após o início de nossas

apresentações na porta do **Teatro Record**, para distrair a fila, o baixista dos Incríveis, **Neno**, desentendeu-se com o grupo e foi para os **Jordan's** tocar, não baixo, que era executado pelo **Tony**, mas sim trompete, seu segundo instrumento, fazendo naipe de metais com seu irmão **Irupê**, que tocava saxofone e trompete. Havia um grupo internacional que usava muito esse recurso, de dueto de trompetes, chamado **Helb Alpert & The Tijuana Brass**.

Irupê, muito depois, veio a integrar o conjunto **Raça Negra**, como saxofonista e arranjador, passando da Jovem Guarda para o Pagode.

Como o conjunto **Os Incríveis** perdeu seu baixista, o grupo convidou então o músico **Nenê**, dos Beatniks, considerado um dos melhores da época nesse instrumento,

para entrar em seu lugar. E os Beatniks, desfalcado de seu baixista, com a saída do Nenê para os Incríveis, teve que sair correndo atrás de um músico para colocar rapidamente em seu lugar.

Com isso, numa quinta-feira à tarde, eu estava saindo da TV Paulista, com meu terno marrom, estilo Beatles no filme **“Os Reis do Ié Ié Ié”**, após ter feito a Sessão Zás-Trás, preparando-me pra voltar pra casa, quando vi um rapaz, que eu não conhecia, descendo de um carrão, correndo em minha direção. Ele foi logo gritando?

***“É você mesmo que eu estava procurando. Você não é o baixista daquele conjunto que toca na porta do Teatro Record, o Fominha?”***

Então, respondi:

***“Sim, sou eu mesmo!!”***

E ele completou:

***"Nosso baixista, o Nenê, saiu e foi para os Incríveis e você vai estreiar domingo no lugar dele, tocando com a gente. Muito prazer, sou Márcio Morgado, guitarrista solo dos Beatniks. Inclusive, você já está até pronto pra entrar no palco. Esse terno é praticamente igual ao nosso uniforme".***



Assim, em menos de um minuto, deixei de tocar na porta do **Teatro Record**, na Rua da Consolação, ao ar livre, às vezes

embaixo de chuva, para entrar no teatro e passar a me apresentar no **Jovem Guarda**, o mais importante programa musical de sua época, substituindo um dos melhores baixistas do Brasil. E não era só o programa **Jovem Guarda** que o conjunto The Beatniks fazia, não. Ele participava também de muitos outros musicais da emissora, entre eles "**Astros do Disco**", apresentado por **Randal Juliano**, e "**Corte-Rayol Show**", que tinha como apresentadores o cantor **Agnaldo Rayol (8)** e o humorista **Renato Corte Real**.

*(8) Agnaldo Rayol depois formou dupla de apresentadores com Branca Ribeiro nos anos 1970/1980 no programa "Festa Baile" da TV Cultura de São Paulo. A mesma Branca que trabalhou comigo na TV Paulista.*

Eu acho que quando o pessoal dos **Beatniks** chegava ao teatro, ao entrar, passava por nosso palco na rua e me escutava tocar.

Eles devem ter gostado, não é? Talvez me viram também na **TV Paulista** como cantor e apresentador. Essa escolha deve ter sido uma somatória de fatores.

Como já disse, surpreender as pessoas sempre foi meu forte. Os músicos de meu conjunto anterior ficaram impressionados com minha ascensão profissional. Afinal, há poucos meses, eu ainda estava trocando de instrumento nos Gianninis, deixando a guitarra pelo contrabaixo. E essa mudança se tornou fundamental, pois a vaga a ser preenchida era exatamente a de baixista.

## Curiosidades:

1. O estilo pagode, como se sabe, nasceu de uma mistura de samba e de jovem guarda. As harmonizações estão mais para **Beatles** do que para **Tom Jobim**, mas a levada é de samba jovem. Se você colocar uma escola de samba batucando na canção "**Yesterday**", muito provavelmente vai resultar num pagode. E o conjunto **Raça Negra** foi um de seus precursores. Por isso, **Irupê**, que veio da pré Jovem Guarda, com Os **Jordan's**, teve grande influência na criação desse gênero, já que era o arranjador do "**Raça Negra**".

A formação dos **Jordan's**, na época da Jovem Guarda, era **Irupê** (saxofone e trompete), **Aladim** (guitarra solo e bandolim), **Sinval** (guitarra base), **Tony**

(contrabaixo) e **Foguinho** (bateria). Depois também, **Neno** no trompete.

## 9. MEUS PRIMEIROS SOLOS VOCAIS EM DISCO

Meu entrosamento musical com os rapazes dos **Beatniks** foi praticamente automático. Músicos de outros conjuntos, muitas vezes me confidenciaram isso, dizendo que, embora meu antecessor tenha sido excelente, minha entrada no grupo não fez cair o nível. Ouvi isso, inclusive, do **Paulo César Barros**, contrabaixista do **Renato e seus Blue Caps**, músico do primeiro time. Fiquei muito contente ao saber disso, porque, afinal, **Nenê** era meu ídolo.

Nosso trabalho sempre foi de grande

responsabilidade, pois afinal, nós é que acompanhávamos as grandes estrelas do programa. **Roberto, Erasmo e Wanderléa** sempre tinham o respaldo dos **Beatniks**, que possuía um som mais moderno do que os demais conjuntos, oriundos da música instrumental. Nossas influências eram **Beatles** e **Rolling Stones**, base da Jovem Guarda, enquanto as referências deles eram **Shadows** e **Ventures**, da pré-jovem guarda. Somente **Renato e seus Blue Caps** tinha se adaptado à **Beatlemania**, mas como o conjunto era uma das atrações do programa, não acompanhava outros artistas (**Renato** gravava quase todas as canções dos Beatles em português, além de compor outras no mesmo estilo). Esse reconhecimento dos **Beatniks** era flagrante, tanto que, de um evento de música erudita, baseado na Jovem Guarda, o **Jovem**

**Guarda Clássico**, realizado num teatro municipal de São Paulo, com orquestra e coral, regidos pelo Maestro **Diogo Pacheco**, somente nosso conjunto participou. Roberto Carlos chamava os **Beatniks** de “**O mais Perfeito Liverpool Sound do Brasil**”.

Palavras do Rei.

**Roberto** gostava tanto do nosso grupo que se prontificou a nos ajudar a conseguir uma gravadora e a compor uma canção especial para o disco. A gravadora escolhida foi a própria CBS, onde **Roberto Carlos** também gravava. O estúdio seria o mesmo e, inclusive, um de seus produtores, **Jairo Pires**, cuidaria também da produção.

Começamos, então, a ensaiar duas canções para que, uma delas, fosse o Lado B de nosso compacto simples, enquanto a composição, que seria o Lado A, de **Roberto Carlos**, não chegasse. Eram duas versões

feitas por Márcio Morgado. Uma de "**Burt Bacharach**" (9), "**Este Lugar Vazio**" (This Empty Place) e a outra do grupo inglês "The Kinks", que recebera o nome de "**Cansado de Esperar**" (Tired of Waitin). As músicas seriam cantadas por **Márcio** (Márcio Morgado) e **Bogô** (Carlos Bogossian).

Como eu era o mais recente integrante da banda, não fora escolhido para participar do vocal, que já vinha sendo ensaiado, antes mesmo de eu entrar no conjunto. Por isso, aprendi somente minha parte no contrabaixo. Não me preocupei em saber nem a letra e nem a melodia das canções.

*(9) Burt Bacharach fez muito sucesso como compositor. Compôs trilhas sonoras de muitos filmes de sucesso, em parceria com o letrista Hal David. Sua música é reconhecida como bem elaborada e de bom gosto.*

Por fim, a gravação foi marcada para o estúdio da CBS no Rio de Janeiro, mas faltava uma coisa: a composição do Roberto, que não havia chegado.

Márcio começou, então, a pressioná-lo, mas ele estava muito atarefado com seus shows. O tempo foi passando e quando chegou o dia da gravação, a gente resolveu, desta forma, gravar somente as duas versões.

Quando os play backs já estavam prontos, **Roberto Carlos** chegou a ligar para o estúdio dizendo que havia aprontado a canção, querendo passá-la por telefone para o Márcio, mas já não havia mais tempo, pois só faltava colocar as vozes.

Assim, a canção feita para os Beatniks acabou mesmo sendo gravada pelo próprio

Roberto num próximo disco. Era  
"Namoradinha de um Amigo Meu".



Ficamos chateados com a impossibilidade de gravar aquela composição feita pra nós especialmente pelo Rei, mas não teve outro jeito. Depois disso, tomamos um café e Márcio e Bogô partiram pra colocação de vozes nas canções. Nós, os demais integrantes da banda – **Nino** (Domingos Tucci - bateria), **Régis** (Régis Monteiro Moreira – teclados) e eu, **Mário**

**Lúcio** (Mário Lúcio de Freitas - contrabaixo) - ficamos na técnica, só observando e torcendo. Mas, aos poucos, **Jairo Pires**, nosso produtor, foi percebendo que Márcio não estava muito a vontade no estúdio e que sua afinação vocal estava comprometendo a gravação. Jairo não estava satisfeito com a performance, principalmente nos trechos de solo vocal. Assim, ele pediu para que Márcio deixasse de fazê-los, passando-os para o Bogô.

Então, recomeçou a colocação de vozes, mas mesmo assim, ele ainda não ficou satisfeito. Algo não estava saindo como ele queria.

Bogô e Márcio tentaram muitas vezes, mas o produtor nunca aprovava a performance. Ele chegou até a pensar em cancelar a gravação, mas como ela havia sido acertada pelo próprio Roberto Carlos,

uma atitude dessas não seria conveniente. Foi quando ele se virou para mim e disse:

**"você não quer tentar gravar os vocais?"**

Como eu não iria participar do canto, nem me preocupei em aprender as canções por inteiro, mas após inúmeras tentativas sem sucesso deles dois, como eu estava na técnica, logicamente, acabei assimilando as melodias. Então, respondi que poderia tentar fazer as gravações, mas só para ajudar.

Assim, fui para o estúdio no lugar do Márcio e, desta maneira, o disco foi gravado, cantado por mim e pelo Bogô, sendo que eu fazendo os **solos vocais**.

Jairo aprovou as interpretações e rapidinho a gravação estava finalizada.

Mais uma vez, acabei surpreendendo a todos, pois para quem nem iria participar dos vocais, eu ser o solista acabou sendo, realmente, algo inesperado, inclusive para mim mesmo. Contudo, a solução encontrada pelo produtor na colocação de vozes das canções se tornou um problema, na época da gente começar a divulgação do disco nos programas de TV. O relacionamento pessoal dos guitarristas Márcio e Bogô não era dos melhores. Os dois não se entendiam muito bem e, muitas vezes, esses descompassos acabavam em atrito sério. Presenciei vários deles. Havia uma disputa interna, quanto ao comando político do conjunto. Bogô me parecia ter mais conhecimento musical, mas Márcio era o guitarrista solo, fazia as versões, e gostava de cantar a maioria das canções. Havia certo jogo de vaidades. E como os solos vocais tinham sido feitos por

mim, surgiu um enorme problema: **quem cantaria os vocais ao vivo comigo?**

Quem gravou foi o Bogô, mas Márcio não queria ser deixado de lado, pois sempre estive em destaque. Justamente, na hora mais importante, ele não pretendia ficar em segundo plano de jeito nenhum. Quando eu vi que estava começando tudo de novo e que o desentendimento que havia entre eles nunca iria acabar, percebi que aquilo tudo não teria futuro e, desta forma, resolvi me afastar do conjunto.

Assim, o primeiro disco dos **Beatniks**, um compacto simples da gravadora CBS, lançado em 1966, quando foi para as lojas, o conjunto já estava sem seu solista da gravação. Nem saí nas fotos, embora minha voz estivesse lá. Nunca cantei nenhuma das

canções, nem nos shows, nem na TV. Contudo, pela falta de divulgação, as canções não apareceram muito junto ao público e o conjunto, posteriormente, mudou de gravadora.

### **Curiosidades:**

1. Muita gente me achou um louco, por pedir para sair da Jovem Guarda, no auge do programa. Afinal, eu havia acabado de gravar na mais importante gravadora do país, solando duas canções do disco de um conjunto de destaque e que, ainda por cima, era apoiado por Roberto Carlos. Todos achavam que nunca mais eu teria outra chance como aquela. Mas, mesmo assim, preferi seguir meu caminho a meu modo. Afinal, sempre tinha dado certo. Desde a época do **Circo Marabá**, de meu pai, o que

minha intuição dizia pra fazer, eu fazia. O resultado nunca havia me decepcionado. Não seria dessa vez que iria falhar, não é mesmo?

## **10 – JOVEM GUARDA O MOVIMENTO**

Com o sucesso do programa da **TV Record**, as outras emissoras, principalmente a **TV Excelsior** de São Paulo, entraram nesse esquema e lançaram vários outros programas no mesmo estilo. Assim, surgiu "**O Bom**", com Eduardo Araújo, "**Linha de Frente**", com os Vips, o **Programa dos Incríveis** (Ex-The Clever's), que já havia mudado de nome, "**Quadrado e Redondo**", na TV Bandeirantes, etc.

Com minha saída dos Beatniks, meu lado musical havia voltado a estaca zero. Pensei, então, em montar outro conjunto.

Talvez, até um quarteto vocal, pois aquela dificuldade na hora de colocar voz no disco dos Beatniks me marcou muito. Eu queria um grupo que tivesse segurança ao cantar. Eu ainda estava na TV Paulista e numa conversa com alguns amigos da emissora, a gente pensou em algo no estilo dos Golden Boys. Assim, eu, **Marcelo Gastaldi**, que também era ator da emissora, e **Apolo Luiz Mori**, que trabalhava no tráfego da TV Globo, começamos a ensaiar algumas canções. Logo após, outro integrante foi se juntando, o também ator **Antônio Aragão** e assim formamos um quarteto vocal.

O primeiro nome que pensamos para o conjunto foi "**Os Plutos**", mas logo a seguir, mudamos para "**Os Iguais**". Antônio Aragão, já no começo, não se adaptou ao vocal, sendo substituído por **Antônio Marcos**, que fora apresentado ao grupo por

**Apolo**, que o conhecia de São Miguel, cidade da zona leste da Grande São Paulo.

A gente não tinha nem onde ensaiar, mas logo conseguimos um local emprestado: o banheiro do **Bell Boliche**, próximo a esquina da Avenida São João com a Alameda Gleite, no bairro de Santa Cecília, em São Paulo. Não era muito perfumado, mas era o que tínhamos.



Muitos amigos acompanharam essa fase, inclusive o jornalista **Décio Piccinini**,

que recentemente descreveu essa época com propriedade, em seu programa "**É Dez**", lembrando-se até de uma de nossas composições.

Passado algum tempo, quando a gente já tinha algumas canções prontas, um amigo nosso, **David Grimberg**, que era da TV Globo e que havia se mudado de emissora, indo para a **TV Excelsior**, abriu-nos a possibilidade de nos escalar para fazer alguns musicais da casa. Ele disse que, se a gente fosse bem, poderia continuar nos ajudando.

E assim, começamos a fazer televisão, cantando músicas dos **Golden Boys** (Alguém na multidão), de **Renato e seus Blue Caps** (A primeira lágrima), e de **Roberto Carlos** (Escreva uma carta meu amor), etc. Desta forma, passamos a fazer a

linha de shows da **TV Excelsior**. Com isso, as portas das outras emissoras começaram a se abrir. Assim, cantamos na **TV Tupi**, na própria **TV Globo** (do Rio e de São Paulo) e na **TV Bandeirantes**, sempre apresentando canções famosas de outros conjuntos.

No princípio, o grupo era acompanhado pela banda da emissora, no caso da TV Excelsior, pelos **Brasas**, que tinha **Luis Vagner** (guitarra solo), **Anyres** (guitarra base), **Eddy** (bateria) e **Franco** (contrabaixo), hoje famoso empresário e pai dos garotos do **KLB**. Mas, logo a seguir, montamos um míni conjunto pra facilitar (um trio, como era moda na época). Então, juntaram-se a nós o baixista **Oscar** (Oscar Benedetti) e o baterista **Nino** (Domingos Tucci), que já havia tocado comigo nos Beatniks. Eu completava o trio, tocando guitarra.

Posteriormente, assinamos um contrato de exclusividade com a **TV Excelsior**. Foi quando passamos a batalhar uma gravadora, mandando propostas para a **Odeon** e **RCA Victor**.

A partir daí, a gente resolveu compor um repertório próprio para já ter o que gravar, quando conseguisse a gravadora. Por isso, eu fiz a versão da música "**I'll Follow the Sun**", de Lennon e McCartney, que virou "**Quero te Dar meu Coração**" e, juntamente com **Marcelo Gastaldi**, compusemos "**A Partida**", inspirada na também dos Beatles "**You're Gonna Lose That Girl**", num estilo cheio de contracantos. Eu fiz a melodia e o Marcelo, a letra. Só que na canção dos Beatles, o contracanto **repetia a letra** que solava, e em "**A Partida**", o contracanto **completava**

**a letra.** Era uma inovaçãozinha que a gente queria lançar.

Começamos, então, a cantar na TV essa duas composições: "**A Partida**" e "**Quero te Dar meu Coração**", sempre tentando conseguir uma gravadora. Foi quando a Odeon nos convidou para fazer uma fita com essas duas canções. O produtor indicado foi **Tony Campello (10)**. O resultado foi excelente.

Mas como a gente já vinha divulgando essas canções, antes mesmo de gravadas em disco, elas se tornaram um tremendo sucesso de auditório.

*(10) Tony Campello também era cantor e irmão de Cely Campello, da pré-Jovem Guarda.*

Como a direção da **Odeon** era no Rio de Janeiro, e não havia ainda as redes de televisão, a gravadora não podia ver o que estava acontecendo aqui em São Paulo. Por isso, o lançamento do disco vinha demorando muito e, assim, começamos a ficar com medo de perder o momento certo.

Logo a seguir, surgiu um segundo convite, de **Ramalho Neto**, da Gravadora **RCA Victor**, para lançá-las de imediato. A gente titubeou um pouco, mas resolveu aceitá-lo. Gravamos de novo e lançamos as canções pela RCA, no final de 1966. A gravação da Odeon ficou apenas para a história, sendo arquivada.

O disco se tornou sucesso de vendas (**mais de 400.000 cópias**) e de execução nas rádios, só perdendo nas paradas para "**A Banda**" (Chico Buarque), gravada por **Nara**

**Leão**, e "**Disparada**" (Theo de Barros e Geraldo Vandré), gravada por **Jair Rodrigues**, ambas pelo selo Philips, que haviam ganhado, empatadas em primeiro lugar, o **II Festival de Música Popular Brasileira da TV Record**. E olha que, do nosso disco, tocava tanto o Lado A, (**A Partida**), como o Lado B, (**Quero te Dar meu Coração**).



E assim, mais uma vez, consegui surpreender. Mesmo saindo de um conjunto

famoso da **Jovem Guarda**, acabei fazendo grande sucesso em discos.

O quarteto vocal "**Os Iguais**" ganhou vários prêmios de revelação do ano. Foi nessa época que deixei de trabalhar como ator para a **TV Globo**.

### **Curiosidades:**

1. Encontrei muitas vezes **David Grimberg**, em passagens por várias emissoras de televisão. A primeira, na **TV Paulista**, em 1960; depois na **TV Excelsior**, em 1966, e a última delas no **SBT**, já nos anos 1980, onde ele era Supervisor do Departamento de Novelas, cargo que ocupou por muitos anos.

Quando conheci David na **TV Paulista**, ele era ainda operador de câmera, depois se tornando diretor de TV. Houve uma época

em que os diretores de TV assumiram a direção artística dos programas, no lugar de ex-atores. David é um deles. Fazia Direção de TV e Geral.

2. Em 1964, eu, **Marcelo Gastáldi** e **Antônio Aragão** montamos uma produtora de shows, que recebera o nome de **TRIGAL** ("Tri" de 3, "G" de Gastáldi, "A" de Aragão e "L" de Lúcio). Chegamos a ensaiar um musical, estilo Broadway, que tinha como coreógrafo o famoso **Washington de Brito**.

Participaram desse empreendimento os atores **Osmar Prado** e **Márcia Cardeal**, além de **Nelson Gonçalves** (homônimo do cantor famoso), que ajudava na coordenação, e também fazia alguns papéis secundários. Chegamos até a fazer aulas de sapateado para ajudar na montagem do espetáculo.

## 11. NOSSA IDA PARA A TV RECORD

No ano seguinte, a própria TV Record, aumentando sua programação jovem, lançou também outro programa com um cantor que vinha brigando pau-a-pau com **Roberto Carlos** nas paradas de sucesso: **Ronnie Von**. Com isso, surgiu um convite da emissora para “Os Iguais” fazer o programa do Ronnie, o que veio a acontecer. Isso acabou não sendo muito bom para nós, pois, na TV Excelsior, a gente era uma atração, e no cast da TV Record, onde tinha muitas “feras”, éramos apenas mais um.

Chegamos a gravar mais algumas canções, (**Estarei Sempre a Esperar – Creia – Romance de uma Caveira – Sonata nos Azuis – Quando o Amor Bater na Porta**), mas nenhuma delas com

o sucesso do primeiro disco, o que colaborou para o desmanche do grupo, um pouco depois.

Gravamos também, a pedido da RCA, um LP de sucessos, mas não como "Os Iguais". Este LP, atualmente, é tido pelos fãs como parte do repertório do quarteto mas, na verdade, era de uma coletânea que saiu em bancas de jornal, lançada pela **Editora Abril**. Foi neste disco que as vozes dos cantores do conjunto se destacaram, surgindo a oportunidade de **Antônio Marcos** se lançar como solista.

Chegamos até a gravar algumas faixas de um LP, ("Sonatas nos Azuis" é uma delas), neste caso sim, como "**Os Iguais**". LP este que já tinha até foto de capa, mas que nunca realmente veio a ser lançado.

Nem sei como esta canção se tornou pública.

Pouco depois, já em 1968, o conjunto se desfez, após algumas últimas investidas em shows pelo interior e por casas noturnas da capital, num primeiro momento já sem **Apolo** e **Antônio Marcos**, e por fim, somente com **Marcelo Gastaldi**.

O conjunto "**Os Iguais**" chegava ao fim. O baterista do nosso trio, **Nino**, veio a falecer em 2005, nos Estados Unidos.

Logo após a dissolução do grupo, eu gravei como solista, com o nome de **Mário Lúcio e os Play Boys**, um compacto simples da Gravadora Continental, de 1968, com as canções "**Assim não Dá**" (Qué Pasará) de Palito Ortega, versão de Mauro

Renée e "**Não me Peça um Beijo**" de **Antônio Marcos** e **Mário Marcos**.

Contudo, essas gravações não foram sucesso, passando despercebidas nas paradas.

A canção "**Não me peça um beijo**", posteriormente, foi regravada pelo apresentador **Barros de Alencar**, obtendo algum êxito.

Depois de sair do conjunto, **Antônio Marcos** foi contratado como solista pela própria Gravadora RCA Victor e, curiosamente, sua primeira gravação tem, como uma das faixas de um compacto simples de 1967, a canção "**Perdi Você**", que fizemos em parceria, ainda na época de Os Iguais. Uma balada, estilo italiana, para

a qual ele fez a letra em homenagem a uma antiga namorada de São Miguel. A mesma que, posteriormente, também fora homenageada por ele em "**Menina de Tranças**".

Aparentemente, uma pessoa que ele nunca tenha conseguido esquecer.

**Antônio Marcos** foi o único a se dar bem como solista, chegando a gravar vários LPs e a fazer muito sucesso. Contudo, sempre teve muito problema com a bebida, vindo a falecer, em sua decorrência, em Abril de 1992.

Bem após o término do grupo, em 1975, **Marcelo Gastaldi**, com o pseudônimo de **Pierre Brillant**, gravou em francês para a própria RCA (como havia feito

no LP da Editora Abril), dois compactos simples com as canções "**C'est Ma Vie**" e "**Emmanuele**"; e "**Je Ne Suis Que De L'amour**" e "**Je Reve Souvent D'une Femme**".

Marcelo Gastáldi tinha facilidade pra cantar nesse outro idioma por causa da origem de seu pai, seu **Marcel Gastáldi**, que era filho de francês. Curiosamente, embora seu pai não tivesse exatamente o seu nome (um era **Marcelo** e outro apenas **Marcel**), Marcelo se chamava **Marcelo Gastáldi Júnior**.

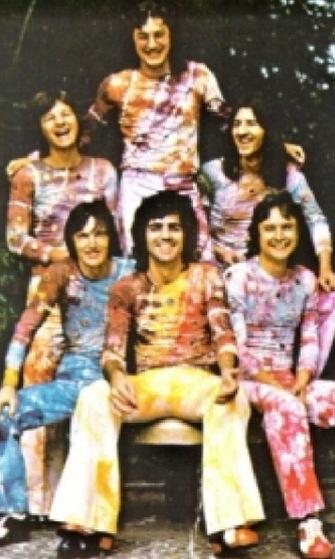
### **Curiosidades:**

1. Em uma de nossas últimas excursões pelo interior de São Paulo e norte do Paraná, houve um show que aconteceu

algo inusitado. Quando começamos a apresentação, o amplificador de contrabaixo “pifou” e tivemos que continuar o show sem ele, o que era muito ruim, pois o contrabaixo é o único instrumento a fazer as notas graves dos arranjos.

Mas os problemas não pararam por aí. Na próxima seleção, também deixou de funcionar o amplificador de guitarra.

Então, tivemos que ir até o fim do show somente com a bateria acompanhando as vozes. Realmente, deve ter sido horroroso ouvir nosso som naquele dia.



## MUITOS INTÉRPRETES

### 12. TOCANDO À NOITE

Mais uma vez, minha carreira musical voltava à estaca zero. Como eu havia participado de duas bandas famosas (**Beatniks** e **Iguais**), não foi muito difícil achar outro conjunto para trabalhar. Assim, comecei a tocar à noite, mais precisamente na "**Boca do Lixo**", na Rua Bento Freitas, em São Paulo. Nesta época, havia muitas casas noturnas com música ao vivo, de todos os gêneros musicais. Assim, recebi um convite para entrar numa banda para tocar somente Beatles e Rolling Stones. No grupo, estavam **Oscar Benedetti** (aquele do trio dos Iguais), o guitarrista **Artezerse** e o baterista **Mário Roberto**. Chamaram-me

pra fazer a guitarra solo. Não era muito bem a minha, mas o repertório que íamos tocar não tinha muita dificuldade. A ideia era montar um bom vocal, já que todos cantavam.

Assim, o grupo começou a se apresentar na **Boite Charman** e, num piscar de olhos, tornou-se a coqueluche da noite paulistana. Em pouquíssimo tempo, a gente já ganhava o dobro da paga dos outros conjuntos. Havia muitas propostas para mudar de casa, ganhando um pouco melhor. Uma delas, foi pra gente se deslocar para uma boate nas docas de Santos, recebendo bem mais. Aceitamos e fomos pra lá. Mas como Artezerse estava estudando em São Paulo, sua família não gostou e isso atrapalhou nossos planos. Ele acabou saindo do conjunto e assim começou um processo de troca de guitarrista o tempo

todo. O mesmo ocorrendo com o baterista.

Nesta época, tivemos muitas formações interessantes. Uma delas com a inclusão de **Célio**, guitarrista solo, e do baterista **Nilton**, além de mim e do **Oscar**, que vínhamos juntos desde a época dos Iguais. Nesta formação, eu tocava guitarra base, que era mais a minha, e o Oscar, contrabaixo. Célio era um excelente solista e sabia tirar som do instrumento como ninguém. Nilton tinha bastante balanço na bateria e nos completava muito bem. Mas como Célio tinha alguns problemas pessoais, ele começou a fumar maconha antes de algumas apresentações, e quando isso acontecia, atrapalhava por demais a sua performance no grupo. Pedimos para que ele parasse, mas ele não conseguia se livrar do vício, e assim, tivemos que substituí-lo pelo guitarrista **Ghizzi**, cuja entrada alterou

um pouco a nossa maneira de tocar, o que acabou não dando muito certo, embora **Ghizzi**, (Antônio Rodrigues Ghizzi), fosse um excelente músico e cantor.

Assim, já em 1969, tudo estava meio confuso, quando apareceu em Santos um amigo, o tecladista **Florindo**, convidando o Oscar para tocar contrabaixo numa nova formação do conjunto **The Jet Black's**, aquele mesmo da Jovem Guarda. Oscar aceitou o convite e numa conversa posterior com o líder do grupo, o baterista **Jurandi**, ele sugeriu que eu fosse também para o conjunto, já que o guitarrista solo não estava se adaptando bem ao estilo.

Assim, acabamos participando de uma das formações mais interessantes do famoso conjunto, que abandonava de vez seu estilo instrumental da época do guitarrista **Gato**, da pré jovem guarda, para se tornar uma

banda cantada. Eu e o Oscar já fazíamos isso, e no conjunto tinha um guitarrista base, **Guilherme Dotta**, que também cantava. A banda ficou muito boa e marcou o fim de minha passagem pela noite paulista. Essa formação tinha como integrantes **Jurandi** (bateria), **Mário Lúcio** (guitarra solo), **Oscar** (contrabaixo), **Florindo** (teclado) e **Guilherme** (guitarra base).



THE JET BLACKS - ARTISTAS EXCLUSIVOS DA CHANTECLER

## Curiosidades:

1. O Jurandi, esporadicamente, também cantava. Fazia uma seleção, num estilo que lembrava Jorge Ben (Benjor) e Wilson Simonal, mas não participava dos vocais.

2. A **Boca do Lixo** era uma região formada pelas Ruas Bento Freitas e Rego Freitas e suas perpendiculares. Nesta época, meados dos anos 1960, a noite paulistana era muito forte. Todas as boites tinham dois ou três grupos tocando ao vivo. Mas não eram quaisquer grupos, não. Eram times de primeira: **The Bell's, The Jordan's, Os Condor's**, etc. A concorrência entre eles era fantástica. A gente começava a tocar às 21:00 horas e ia até as 6:00 da manhã. Tinha muito grupo que depois de tocar,

ainda ficava ensaiando até o meio dia.

As "**meninas da casa**" já chegavam às 19:00 horas, quando era servido gratuitamente um jantar pra todas elas, como forma de atraí-las para a boite. Era um ensopado meio "sem vergonha", mas, de graça, né...

Depois das 6:00 horas, os músicos se reuniam no Largo do Arouche para comer uma feijoada caprichada de um dos seus restaurantes noturnos. Os músicos chegavam em casa por volta das 9 horas da manhã e dormiam até quase a hora de voltar pra boite. Não era fácil. Isso ainda, quando eles não saiam pra namorar com uma das garotas da casa, após a feijoada. Muitas dessas casas noturnas se tornaram famosas: **Charman, Le Masque, My Love**, entre muitas outras.

### 13. A VOLTA AO DISCO

**The Jet Black's**, por ter muita estrada, já era contratado por uma gravadora, a **Chantecler**, e a proposta da gente era gravar novas canções e atuar em bailes e shows. E foi o que fizemos.

Jurandi, desde a época da Jovem Guarda, quando o conjunto participava do programa, apresentando suas canções e acompanhando **Jorge Ben** (hoje, Jorge Benjor), tinha amizade com **Roberto Carlos**. Então, ele fez um contato com o Roberto, pedindo que ele compusesse uma canção exclusiva para nosso novo disco, para nos dar uma força. O rei atendeu e nos mandou "**Você Tem que Mudar, meu Bem**", que integrou um compacto simples de 1969 da Gravadora Chantecler, que tinha no Lado B a canção "**Hip Hug Her**" (uma

instrumental, solada de órgão). Nessa época, existia um organista chamado **Lafaiete** que fazia muito sucesso em disco. Assim, a gente tentou pegar uma carona nessa ideia.

Gravamos ainda, logo após, em 1970, mais três compactos simples. O primeiro, com as canções "**Oh! Darling**" (Lennon - McCartney) e "**Tema de Audácia**" (de minha autoria); o segundo com "**Smile a Little Smile For Me**" (Tony McCuley - Geoff Stephens) e "**Olha**" (Hamilton Di Giorgio) e o terceiro com "**Kyriê**" (Marcelo Silva - Paulinho Soares) e "**Desacato**" (Antônio Carlos - JocaFi).

Lançamos a música dos Beatles (**Oh! Darling**) em compacto simples porque, com eles, a canção saiu somente em LP no Brasil, que na época era muito caro. Então, a gravadora, como uma sacada de

marketing, resolveu lançá-la neste outro formato, mais acessível ao grande público. A estratégia foi boa e nosso compacto entrou, inclusive, nas paradas.

No Lado B, pusemos um tema que nos foi pedido para a abertura de um filme na linha do **cinema marginal**, cujo título era "**Audácia, a Fúria dos Desejos**", dirigido por **Carlos Reichenbach**. Cantamos, num clipe do filme, esse tema, que compus em 1970. Reichenbach faleceu em 2012.



A mesma estratégia de marketing foi usada nos outros dois compactos, que também deram bom resultado. Inclusive, “**Kyriê**” e “**Desacato**” fizeram parte do **VI Festival Internacional da Canção Popular**, em 1971, e haviam saído somente no LP do evento.

## **14. A CHEGADA DOS PROBLEMAS**

O conjunto ia muito bem. No início, **Jurandi** teve medo de que o público do **Jet Black's**, de muitos LPs lançados, não aceitasse essa nova fase, somente cantada. Mas não foi isso que aconteceu, pelo contrário, a aceitação foi unânime, os shows e bailes que fazíamos estavam sempre lotados.

Logicamente, durante as apresentações, nós tínhamos que tocar o

“**Tema para Jovens Enamorados**”, maior hit do grupo, gravado em 1965 pelo selo Chantecler, mas o saudosismo parava por aí.

Para melhorar ainda mais, como eu não era um guitarrista solo tradicional, a gente substituiu o **Guilherme**, que tocava guitarra base, pelo melhor guitarrista solo da época, o **Aristeu**, que integrou posteriormente a banda de Roberto Carlos por muito anos. Com isso, eu fui para a guitarra base, que eu já fazia há muito tempo e, musicalmente, o conjunto ficou mais redondo. Também, o imenso conhecimento musical do **Aristeu** nos fez crescer ainda mais como músicos. Agradávamos em cheio. O guitarrista Guilherme Dotta veio a falecer em Janeiro de 1998.

Houve uma apresentação nossa em Porto Alegre que nos marcou muito, porque, no mesmo dia, **Roberto Carlos** também estava na cidade se apresentando num outro clube. No dia seguinte, a avaliação da imprensa local foi: "**Roberto Carlos: o de sempre**" e "**The Jet Black's: ninguém esperava tanto**".

Nessa época, eu estava muito contente. Afinal, mais uma vez, eu surpreendia àqueles que achavam que no **Jet Black's** não caberia uma repaginação, por já ter muitos LPs lançados. Mas ela coube e bem. Logo, consegui comprar meu primeiro carro. Era um fusca marrom, quase do ano. Mandei colocar uns faróis de milha amarelos enormes, troquei a direção por uma esportiva, e os amigos me disseram que eu tinha que ter um revólver no carro,

porque todo mundo tinha um. Que aquilo era pra me proteger.

Assim, comprei um revolver de segunda mão e o deixei no porta-luvas. Mas essa foi uma das maiores bobagens que eu cometi em toda a minha vida, o que, inclusive, provocou desdobramentos indesejáveis.

Nas nossas apresentações, geralmente, tinha muito público. Mas houve um caso esporádico, de um baile marcado por um empresário, meio em cima da hora, do qual se fez pouca propaganda que, por isso, tinha pouca gente. Havia umas oitenta pessoas, sendo que umas quinze eram umas meninas que sempre nos acompanhavam em todos os lugares que nos apresentávamos. O restante eram uns

rapazes que foram ao baile procurar companhia, mas que acabaram não encontrando. Por isso, beberam demais e estavam meio embriagados.

Em todos os bailes, a gente fazia uma brincadeira que o pessoal curtia bastante. Quando a seleção estava animada, eu interpretava um fado (“**Foi Deus**”, de Alberto Janes, grande sucesso da cantora portuguesa **Amália Rodrigues**, gravado em discos Colúmbia em 1953), e no fim da letra da canção, eu segurava uma nota longa (musicalmente chamada de fermata), que fazia o conjunto parar e ficar me esperando, até eu seguir cantando. Nessa nota longa, eu simulava uma situação de como se houvesse acabado meu fôlego, mas logo depois, de forma meio cômica, seguia a interpretação. Quando chegava na mesma

parte da música, após repetir a canção inteira, quando eu segurava a nota longa, mais precisamente um agudo, nosso contra-regra soltava uma explosão de pólvora na frente do palco, daquelas de circo, que provocava um tremendo susto na plateia. A partir daí, a gente tocava uma música bem alegre, estilo quadrilha de São João, e todo mundo saía dançando, um tirando sarro do outro, morrendo de rir.

Só que neste baile, essa brincadeira não caberia, porque o salão, que era meio grande, estava quase vazio, embora a explosão estivesse montada pra que, no caso de chegar mais público, a gente pudesse soltá-la.

Então, nosso contra-regra, que tinha o apelido de **Galo**, tendo uma infeliz ideia,

resolveu brincar com os poucos rapazes que estavam no local. Chamou-os para perto da frente do palco, num intervalo das seleções, como se quisesse conversar com eles, e num determinado momento, soltou a explosão perto de um rapaz, quase queimando sua frente. Fez isso e saiu morrendo de rir.

O rapaz não gostou da brincadeira, que fora realmente de mau gosto, e já estando também meio embriagado, resolveu juntar todos os seus amigos (uns 65) pra dar uma surra no contra-regra. Eles iriam linchá-lo, com certeza.

Foi quando me lembrei do fatídico revolver que estava em meu carro, estacionado na porta do clube. Fui até ele correndo, peguei a arma, voltei para o

palco, fui até o microfone, dei dois tiros pra cima e falei: "**Ninguém vai bater nele, não**". Mas como a turma já estava bem embriagada, um dos rapazes gritou: "**Se ele matar, vai matar somente um. Vamos pra cima deles**".

E assim começou o maior quebra pau, dos cinco integrantes do conjunto contra a plateia toda enfurecida. Eu nunca teria coragem de atirar em ninguém. Assim, apanhamos com revolver e tudo. Tinha dez em cima de cada um. Se não fosse o **Aristeu** me tirar de baixo dos que estavam me batendo, nem sei se continuaria vivo. Mas logo depois, chegou a polícia, chamada pela diretoria do clube, que prendeu todo mundo e acabou com a confusão.

Explicado o que havia ocorrido, meu

revolver ficou preso e a gente foi solto, não sem antes eu tomar algumas bordoadas (merecidas) de alguns tiras.

Além dessa tremenda bagunça, o saldo negativo do entrevero foi que ficamos todos de cabeça inchada e, o pior: **Jurandi**, nosso baterista, na confusão, acabou quebrando um dedo da mão direita. E como ele era exatamente o baterista, teve que se ausentar do conjunto, pois não conseguia tocar com a fratura no dedo.

Trouxemos, então, o músico **Bananinha** pra substituí-lo. Mas essa ausência foi ficando cada vez mais longa e o **Jurandi**, um tanto desgostoso, acabou se separando de sua esposa, o que atrapalhou ainda mais, e assim nunca mais conseguiu voltar pra essa formação.

Tentamos remontar o conjunto com integrantes diferentes. Essas montagens deram bom resultado musical, mas não vingaram, em termos práticos. Uma dessas formações, com a inclusão de dois cantores solistas de outros conjuntos famosos, foi a seguinte: **Oscar** (contrabaixo), **Mário Lúcio** (guitarra base), **Florindo** (teclados), **Ary** (baterista e cantor), que viera do **The Bell's**, e **Marco "Porquinho" Aurélio** (guitarra solo e cantor) que fora dos **Jordan's** (ele entrou para substituir **Aladim**, que havia montado seu próprio grupo, o **Aladim's Band**). O vocal ficou sensacional, talvez o melhor do qual eu tenha participado.

E a outra formação, já sem o **Marco Aurélio** e o **Florindo**, com a inclusão do excelente tecladista **Ricardo Albano**, que

viera da MPB para o pop, e que já possuía um excelente piano elétrico, coisa rara na época, foi a seguinte: **Mário Lúcio** (guitarra), **Oscar** (contrabaixo), **Ricardo** (piano elétrico) e **Ary** (bateria). **Ricardo** é primo do também pianista e arranjador **César Camargo Mariano**, pai de **Pedro Mariano** e de **Maria Rita**, hoje cantores muito famosos.



Veja que tentamos várias montagens, mas não teve jeito. A saída do **Jurandi**,

único integrante da formação clássica do conjunto, acabou provocando, finalmente, o desmanche do **The Jet Black's**, no início de 1972. **Jurandi Trindade Abreu da Silva** veio a falecer em Julho de 2004.

Chegamos a gravar um LP de sucessos, já sem o **Ary**, que voltara para os Bell's, com o nome de **Morning Star** que, inclusive, entrou no Cash Box da Argentina. O baterista **Zé Carlos** gravou este disco no lugar do **Ary**. Neste trabalho, havia várias canções conhecidas: "**Don't Let it Die**", "**Fire and Rain**" e "**Imagine**", entre muitas outras. Esta gravação foi feita em 4 canais de áudio, nos **Estúdios Reunidos**, no prédio da Gazeta, em São Paulo.

As vozes de todas as faixas foram colocadas ao vivo, junto com a gravação dos

play backs. Eu tocava violão ou guitarra e cantava simultaneamente.

### **Curiosidades:**

1. Um fato importante que ocorreu na época dos **Jet Black's** foi um acidente que sofremos com nossa perua. Estávamos em excursão pelo Rio Grande do Sul e, em seu último dia, nosso motorista resolveu ficar dançando no baile. Realmente, um fato incomum, pois viajaríamos para São Paulo logo após a apresentação e ele deveria ter ficado descansando no Hotel. Contudo, a gente nem percebeu que isso estivesse ocorrendo. Quando acabou o baile, pusemos as malas na perua Kombi e partimos para São Paulo. Como a gente havia tocado a noite inteira, logo que entramos na perua, pegamos no sono. Mas como o motorista

não havia descansado, num determinado trecho da serra gaúcha, ele dormiu ao volante e perdeu o controle do veículo, fazendo a Kombi capotar em plena serra. A perua virou de cabeça pra baixo e foi deslizando na própria pista por mais de 50 metros, até parar. O mais impressionante é que, a nossa direita, havia uma ribanceira de mais de 200 metros que, se a perua caísse ali, não estaríamos aqui pra contar essa história. Oscar foi atirado pra fora da perua, machucando-se muito; eu, que estava dormindo em cima do motor, lá atrás, acordei batendo com o rosto no teto. Foi terrível, mas não houve ferimentos graves, por incrível que pareça.

2. Problemas em rodovias a gente sempre teve, mas não com a gravidade do da serra gaúcha. Em certa excursão, pelo

interior de Goiás, a gente ia fazer um baile em **Iporá**, uma cidadezinha a 216 quilômetros de Goiânia. Almoçamos na capital do estado e seguimos viagem. No máximo, deveríamos chegar ao local, por volta das 16:00 horas, mas neste deslocamento, de Goiânia até Iporá, aconteceu de tudo. Vinha chovendo na região há uma semana e essa curta viagem se tornou uma eternidade. Atolamos dezenas de vezes, passamos por dentro de fazendas, de pastos, de rios, enfim, somente chegamos ao local por volta das 6 horas da manhã do dia seguinte.

Encontramos, na porta do clube, uma pessoa sentada, desolada, com as mãos da cabeça, quase que chorando. Procuramos, então, a diretoria do clube pra explicar o que havia ocorrido. O pessoal entendeu e

tudo acabou bem, porque o prefeito, sabedor dos problemas que havia, decretou feriado na cidade no dia seguinte da data da festa e pudemos fazer o baile pra todo mundo dançar numa boa. Pena que a energia elétrica de Iporá, nesta época, era muito rudimentar. Por isso, tiveram que desligar a luz de toda a cidade e deixar somente energia no quarteirão em que estávamos tocando pra aguentar nossa aparelhagem, que não era das maiores.

3. Numa outra viagem, para a cidade de **Tubarão**, interior de Santa Catarina, aconteceu uma coisa inusitada. Como a distância era de mais ou menos 800 quilômetros, saímos de São Paulo por volta das 23:00 horas do dia anterior. Assim viajaríamos a noite toda e chegaríamos a cidade pouco antes da hora do almoço, o

que daria pra descansar tranquilamente pra fazer a festa à noite. Nós estávamos numa perua veraneio, que eu havia comprado recentemente, pra nos dar mais conforto. A aparelhagem ia numa Kombi, que já estava na cidade há algumas horas. Porém, durante a viagem, por volta da meia noite, um pneu traseiro da perua estourou. Mas estourou mesmo, não deixando nada pra contar a história. Colocamos o estepe e seguimos viagem. Uma hora depois estourou outro pneu, agora dianteiro e aí começaram os problemas. Como a perua veraneio usava aro 15, não muito comum na época, não conseguíamos comprar um pneu de reposição em bom estado, pois havia poucos borracheiros na estrada.

Assim tivemos que ir comprando o que tivesse, geralmente recondicionado, que não

aguentava muito tempo. Desta forma foi estourando um atrás do outro. Foram 13 ao todo, além de ter quebrado o macaco (de para-choque) que não aguentou tantas trocas. Cada vez que estourava um pneu a gente tinha que pedir um macaco emprestado para outro veículo, que estivesse no sentido contrário. Assim, chegamos à cidade de **Tubarão** meia hora antes de começar o baile, às 22:30. Não deu tempo nem de tomar banho, nem de comer alguma coisa. Partimos pra festa assim mesmo. O pessoal do baile nem percebeu o que havia ocorrido. Essa foi demais, realmente.

## **15. O GRUPO AMA**

Com minha saída do conjunto **Jet Black's**, resolvi dar um tempo. As peças

pareciam não querer se encaixar. Assim, quando eu estava parado, recebi um convite para dar aula de música no **Grupo Ama** – Escola de Música e Arte José Biancardi - que era no Largo do Paissandu, em São Paulo. O professor Biancardi ensinou canto a muita gente famosa, entre elas a dupla **Chitãozinho e Chororó**, que ainda era infantil. Como eu não estava nem tocando e nem viajando, resolvi aceitar. Comecei a dar aula de violão, guitarra, contrabaixo, bateria e canto. A experiência foi positiva e logo consegui muitos alunos. Então, resolvemos lançar uma revista de letras cifradas para auxiliar aos alunos e interessados em música. Surgiu, assim, a principal publicação no gênero de todos os tempos: a revista **“Violão & Guitarra”**, a **“Vigu”** para os íntimos. Com ela, muitos artistas deram seus primeiros passos na profissão.

Logo a seguir, lançamos também o **“Método Prático para Violão & Guitarra”**, o mais vendido de sua categoria, alcançando a marca de **um milhão de cópias**. Ele esclarecia as dúvidas da Vigu, principalmente em sua parte teórica.



Trabalhei quase seis anos no **Grupo Ama**. Fui músico responsável, diretor da escola e escrevi matérias didáticas para

“**Revista Música**”, outro lançamento que veio a seguir da **Editores Imprima**, sendo, inclusive, seu editor-chefe por algum tempo.

Nesta fase, entrevistamos vários artistas importantes da música brasileira, entre eles **Milton Nascimento, Ivan Lins, Roberto Carlos, Elis Regina, César Camargo Mariano** e o pessoal do **Zimbo Trio**. Ajudei também a criar a **Gravadora Vigu**, com quatro lançamentos em discos, para os quais fizemos a produção e alguns arranjos. Os artistas eram **Thais, Mário Lúcio, Carlos e McDouglas**. Foram produções que tiveram muita aceitação no mercado, gravadas em 1977:

- **Thais** – “O Sistema” e “Estopim” (Mário Lúcio de Freitas).
- **Mário Lúcio** – “Vale a Pena Tentar” e “Nossos Dias São Outros” (Mário Lúcio de

Freitas).

- **Carlos** – “Zum Zum de Maria” (Vadinho) e “Engano” (Cuchinho e Marcelo Gastáldi).

- **McDouglas** – “Wait my Friend” e “People” (McDouglas e Anderson).

No caso da **Thais**, a música de trabalho era “**O Sistema**”, que compus especialmente para o lançamento. O disco repercutiu muito. Na época, havia um programa, muito importante, na **Rádio Bandeirantes AM** de São Paulo, na hora do almoço, do jornalista **Hélio Ribeiro**. Ele gostava de mixar textos que escrevia com músicas que tinham a ver com o seu conteúdo. E a canção “**O Sistema**” era escolhida quase que todos os dias para ser mixada. Realmente, um tremendo sucesso de mídia. Pena que a Editora Imprima não

teve condições financeiras para levar adiante o projeto da gravadora, que começou com a corda toda.

## **16. DE VOLTA A TV**

Durante minha fase no Grupo Ama, em 1974, numa tarde, eu estava na escola, no largo Paissandu, quando chegou o tecladista **Zezinho Rodrigues**, que cuidava do conjunto do "**Programa do Bolinha**", na TV Bandeirantes. Ele veio me convidar para entrar no grupo, já que seu guitarrista iria sair em excursão, acompanhando uns artistas. Prontamente aceitei. Fui músico do Programa por mais de seis anos.

Logo a seguir, o radialista **Barros de Alencar** iria lançar um programa na TV Tupi e precisaria de uma banda para acompanhar

os artistas na televisão e em seus shows, que eram feitos logo após o programa, em cidades do interior, próximas a São Paulo.

O encarregado de montar a banda foi o **Neno**, ex-Incríveis e ex-Jordan's. Assim, ele passou na escola e também me convidou para integrar a banda. De uma hora para outra, além de estar dando aulas no **Grupo Ama**, eu também passei a tocar em duas emissoras de TV: **Tupi** e **Bandeirantes**.

O programa de TV de **Barros de Alencar** era feito ao vivo, geralmente, em um cinema, num bairro da capital paulistana. Havia um acerto entre o comunicador e alguns cantores. Ele divulgava suas gravações em seus programas de rádio e televisão, que tinham muita força nesta época e faziam realmente

a música virar sucesso e, em contrapartida, esses cantores se apresentariam, sem cobrar cachê, num show, após o programa de TV, numa cidade próxima a São Paulo, num raio de mais ou menos 250 quilômetros. A renda do show ficava para a banda, que acompanhava os cantores e os calouros da cidade, para a produção e, em sua maior parte, para o próprio Barros. Eu dirigia essa banda, que tinha a formação: **Mário Lúcio** (guitarra), **Oscar** (baixo), **Fernandinho** (teclado) e **Ivan** (bateria).

Acompanhar os cantores que iriam se apresentar não tinha problema algum, já que as partituras das canções já eram trazidas do próprio programa de TV. O mais dificultoso era acompanhar os calouros, pois eram mais de quarenta, e tinham que se apresentar sem ensaio, pois a gente

chegava bem em cima da hora. Você tinha que conhecer tudo e em todas as tonalidades. Aí é que tinha que se fazer valer a experiência de muitos anos de estrada.

Nesta fase, eu continuava compondo. Uma dessas composições foi gravada pela cantora **Vanusa**, em seu LP de 1974, que levava seu nome, com produção de Wilson Miranda. A canção se chamava "**Noutros Dias, Quem Sabe**", que fora relançada recentemente em "**Ídolos da Jovem Guarda**", um projeto da Gravadora Warner Music.

Além disso tudo que eu vinha fazendo, ainda apareciam, de vez em quando, alguns eventos extras. Escrevi arranjos para alguns festivais, como o da **TV Cultura**, e também

fiz direção musical de shows de teatro, como o "**Festival em Branco e Preto**", estrelado pela cantora **Evinha** e pelo ator/cantor **Marcelo Gastaldi**, no Teatro Nydia Lícia, em São Paulo, no ano de 1978. Marcelo, aquele mesmo de **Os Iguais**.

Paralelamente a essa gama enorme de trabalhos, eu cursava a **Faculdade de Música do Instituto Musical de São Paulo**, que era ali na região do Glicério, próximo ao Parque D. Pedro. Eu fazia composição e regência. Embora já trabalhasse há muito tempo no ramo, eu ainda não tinha teorizado o que eu sabia. Então pensei: "**Nas aulas, vou anotar somente o que eu não souber**". E acabei anotando mesmo muito pouco. Tinha muita coisa que eu não sabia que sabia, ou qual era sua denominação correta, etc.

As matérias complementares, como História da Arte, por exemplo, ajudaram-me muito em minha formação pessoal, assim como também a convivência com colegas de boa cabeça, nos corredores da escola. Praticar regência clássica também foi muito bom.

Também nesta época, cantores como **Moacyr Franco, Belchior, Gilbert, Wilson Miranda, Barros de Alencar, Patrick Dumont, Vanusa**, entre muitos outros, mantinham um conjunto para acompanhá-los em seus shows. Integrei, como guitarrista, o time desses intérpretes por muito tempo, além de fazer eventos em clubes noturnos e divisões de bailes com conjuntos famosos, como "**Os Incríveis**", que não queria fazê-los por inteiro.

Assim, após uma dessas divisões de trabalho, recebi o convite para entrar nesse

conjunto como cantor. Foi quando tive que abandonar os programas de televisão e o acompanhamento de cantores para me dedicar aos **Incríveis**. Mantive apenas as aulas do **Grupo Ama**.

### **Curiosidades:**

1. "**Noutros Dias, Quem Sabe**" é a única canção de minha autoria (entre mais de 200 gravações) que saiu em nome de "**Fominha**" e não de **Mário Lúcio** ou de **Mário Lúcio de Freitas**. Isso ocorreu, talvez, porque meus velhos amigos (**Wilson Miranda e Vanusa**) sempre me chamaram pelo pseudônimo, e por isso acabaram se confundindo na hora de fazer o "label" do disco.

## 17. UMA PASSAGEM FRUSTRADA

Como se sabe, **Os Incríveis** sempre foi um conjunto famoso e importante. Começou como **The Clever's**, ainda na pré Jovem Guarda, fazendo música instrumental. Seu líder, **Manito**, era nascido na Espanha.

Ele chegou ao Brasil ainda criança e se apresentava em circos como "**El Manito, o Menino dos Sete Instrumentos**". Lembro-me dele do **Circo Marabá**, de meu pai, em 1953.

Mas quando entrei no conjunto, **Manito** e **Netinho** haviam saído. **Manito** para o grupo "**Som Nosso de Cada Dia**", um trio no estilo do **Emerson, Lake & Palmer**, e **Netinho** para o conjunto "**Casa das Máquinas**", de rock mais pesado.

O conjunto **Os Incríveis** continuava em seu estilo instrumental, só que, a partir da entrada do **Nenê**, cantando um pouco mais. Ele dividia com o **Mingo** os solos vocais. **Nenê** cantava num estilo parecido com **Chris Montez**, que havia feito sucesso na época com a canção "**Sunny**". As composições que **Nenê** cantava caíam para o lado da MPB, como "**Vendedor de Bananas**" (Jorge Ben), e "**Castigo**" (Dolores Duran), por exemplos. Porém, os três elementos que ficaram no grupo não se entendiam muito bem musicalmente. **Mingo** gostava de música italiana, **Risonho** de grupos, tipo **Barrabás**, uma banda espanhola que tinha um som de guitarra um pouco mais moderno, e **Nenê** de country americano e MPB, tanto que veio a tocar, posteriormente, no conjunto de **Elis Regina**. Esse desencontro fazia o conjunto

ficar meio perdido na escolha do repertório, tanto a ser tocado em apresentações ao vivo, como a ser gravado. Assim, quando entrei, a formação era **Mingo** (guitarra base), **Risonho** (guitarra solo), **Nenê** (contrabaixo), **Fernandinho** (teclados), **Rogério** (bateria) e **Mário Lúcio** (vocal). Com esse time, gravamos o clássico “**Caminhemos**”, a primeira música do grupo a tocar nas FMs, numa época em que elas eram muito seletivas. Mingo me pediu e eu dei a ideia do arranjo. A gravação ficou muito boa.

Logo após, **Rogério**, que havia se desentendido com **Mingo**, saiu, sendo substituído por **Gel Fernandes**. Mas a escolha do repertório oscilava bastante e fazia com que o conjunto não agradasse muito em suas apresentações ao vivo. Até

as canções do próprio grupo, a serem tocadas nos bailes e shows, eram escolhidas equivocadamente. Deixavam-se de lado músicas importantes, pra se tocar outras quase que desconhecidas e sem força, junto ao público.

Eu percebia claramente qual era o problema, mas eles não. Achavam que era falta de experiência dos jovens integrante do conjunto. **Mingo**, por outro lado, começou a ter problemas psicológicos, ficando com medo de entrar em cena. Não queria encarar a plateia.

Foi quando resolveram dar uma cartada ousada. Tiraram os dois músicos mais jovens do conjunto (os irmãos **Fernandinho** e **Gel Fernandes**) e colocaram em seus lugares dois músicos

experientes: **Eduardo Assad** (tecladista e arranjador, que tinha sido meu colega de escola no **Agostiniano São José**, e que tocara, quando jovem, em meus programas da **TV Paulista**, acompanhando calouros) e **Chico Medori** (baterista do primeiro time de São Paulo, marido da cantora **Cláudia**).

Essa formação montou um som mais elaborado, possibilitando a execução de canções de melhor nível, mas não durou muito tempo. Entre ensaios e apresentações não chegou a três meses. Acho que eles não aguentaram as indecisões do pessoal.

Com as saídas de **Eduardo** e **Chico**, o jeito foi trazer de volta os dois jovens. Mas a indefinição estava neles próprios, não nos músicos que completavam a banda, que apenas seguiam a orientação dos demais.

Como as dificuldades nas apresentações continuavam aumentando, o pessoal resolveu dar uma parada no conjunto por uns tempos. E eu que larguei programas de TV e acompanhamento de cantores pra ir para **Os Incríveis**, fiquei, de uma hora pra outra, sem lugar pra tocar. Mas não por muito tempo, pois logo apareceu um convite pra eu fazer a direção musical do cantor **Nelson Ned**, no Brasil e no exterior, ganhando até mais do que eu ganhava nos **Incríveis**. Só que esse trabalho com **Nelson Ned** também não durou muito tempo.

Fizemos **Santo Domingo** (República Dominicana), **Caracas** (Venezuela) e mais algumas excursões, quando, repentinamente, **Nelson** teve um problema em uma de suas vistas, praticamente

perdendo-a, tendo que parar sua carreira por tempo indeterminado. Como ele não sabia quando poderia voltar a trabalhar, ele teve que me dispensar, e aí fiquei sem tocar, de novo.

Mesmo nesta pequena temporada que estive com **Nelson**, ainda pude compor, em parceria com ele, a canção "**Por Sua Causa**", que ele gravou no disco "**A Canção que Dedico a Você**", de 1977, que também saiu em espanhol em vários discos internacionais.

Foi, então, que **Eduardo Gomis**, empresário dos **Incríveis**, veio até mim dizendo que, embora a banda estivesse paralisada, havia muitos compromissos a serem honrados. Só num primeiro lote, tinha mais de trinta bailes contratados que,

pra desmarcar a todos, seria extremamente dificultoso, por serem em cidades pequenas do sul do país. Naquela época, a comunicação não era tão fácil.

Por isso, ele veio me propor se eu não queria montar uma banda, ensaiar o repertório e cumprir esses compromissos em nome dos **Incríveis**. O pessoal do conjunto não se oporia, pela dificuldade que seria desmarcar esses bailes, o que poderia trazer complicações jurídicas para o grupo.

Eu, como havia saído da direção musical do **Nelson Ned**, topei o desafio. Mas montei a banda do meu jeito.

Convidei então **Ricardo Melchior**, excelente guitarrista solo, **José Fernandes Netto**, o "**Fernandinho**". para os teclados,

**Gel Fernandes** para a bateria e eu assumiria o contrabaixo e os solos vocais. O único do time central que faria a excursão seria o **Risonho (Waldemar Mozena)**, que tocaria somente o hit "**O Milionário**" e ajudaria na iluminação e coordenação das apresentações. O resto ficaria por minha conta.

Nesta formação, eu voltava a tocar contrabaixo, coisa que não fazia desde a época dos **Beatniks**. E, justamente, de novo, no lugar do **Nenê**. Resolvi também que, a partir daí, faríamos os bailes sozinhos, sem dividi-los com outro conjunto. Daríamos conta do recado, tranquilamente.

Assim, montei um repertório mais atual pra época, tocando **Deep Purple**, **Yes**, alguns sucessos tradicionais da música

brasileira, como "**Trem das Onze**", dos **Demônios da Garoa**, hits do cantor **Cassiano**, etc. e escolhi para tocar as melhores músicas do repertório do próprio conjunto, que não vinham sendo executadas: "**Renascerá**", "**Coisa Linda**", "**Piangi Con Me**", "**Molambo**", "**Vendedor de Bananas**", etc. além de "**Meu Brasil, Eu te Amo**" e "**O Milionário**", é claro.

Ensaíamos rapidamente as seleções, porque éramos músicos experientes, e fomos pra excursão.

Esses ensaios foram feitos nas dependências do **Grupo Ama**, que já não eram mais no Largo Paissandu, e sim, no bairro de Santa Cecília. O **Grupo Ama**, inclusive, ajudou o conjunto a conseguir uma aparelhagem para fazermos as apresentações.

Surpreendentemente, o resultado dessa excursão foi excelente. A gente, praticamente sem ninguém do time original, conseguia agradar muito mais do que a banda toda. Tanto que começaram a ver o conjunto de outra forma.

Voltamos a fazer televisão, cantando "**Marcas do Que se Foi**", em programas de TV como "**Globo de Ouro**", "**Chacrinha**", "**Bolinha**", etc.

A gravadora, então, começou a pensar em novos discos, que chegamos a gravar. A fase estava sendo revertida e o que era pra ser **provisório**, estava se **efetivando**.

Tudo estava indo muito bem, quando determinado dia me contaram, numa das viagens que, sem que a gente soubesse, o

pessoal do time original estava preparando uma volta.

***"Mas que confusão é essa?"***

me perguntei.

***"A gente com um time fazendo televisão, gravando disco, fazendo divulgação do conjunto em rádios, e outro time planejando uma volta de um mesmo conjunto?"***

Isso era demais pra minha cabeça. Então, pedi categoricamente para sair de maneira irrefutável dos **Incríveis**, aliás, como eu já havia feito anos atrás com os **Beatniks**. Saí dos **Incríveis** e não voltei nunca mais.

Assim, depois dessa confusão toda, no princípio dos anos 1980, resolvi abandonar de vez minha carreira de músico de

conjunto, deixando também as aulas de música.

Eu queria, a partir desse momento, trilhar novos caminhos, respirar novos ares, ver tudo diferente. E foi exatamente o que fiz dali pra frente.

### **Curiosidades:**

1. Ainda um pouco antes, tentei montar outros grupos, que até chegaram a gravar discos. "**Tupi Guaraná**", "**Estação da Luz**", e "**Lay Out**" foram alguns deles, mas nenhum vingou.

Tentei também montar uma editora, já que, no final dos anos 1970 eu havia acabado de me desligar do **Grupo Ama**, mas que também não foi bem, fechando em pouco tempo.

## ANOS 1980

### A CRIATIVIDADE À FLOR DA PELE

#### **18. PRODUÇÕES MUSICAIS**

Quando deixei de ser músico de conjunto, eu tive que buscar outra maneira de ganhar a vida. Foi quando surgiu a ideia de me dedicar à publicidade. Poderia criar jingles, fazer trilhas, locuções, spots etc. Afinal, eu era arranjador, compositor e ator. Essa adaptação não deveria ser tão difícil. Foi quando cheguei ao Estúdio **Avant Garde**, onde alguns amigos já trabalhavam. O guitarrista **Ghizzy** (aquele mesmo que tocou com a gente nos anos 1960) e o maestro **Cyro Pereira** eram os criadores da casa. O dono do estúdio era um argentino chamado **Armando Mihanovich**, que me

recebeu de braços abertos. Assim, iniciei em publicidade.

A Avant Garde era um estúdio de ponta, só trabalhava com grandes agências. Por isso, tive a oportunidade de criar fonogramas importantes. Campanhas memoráveis, como **Caninha 51 – Uma boa ideia, Bradesco dia e noite, Brinquedos Maritel, Pneus Pirelli, Doriana**, etc. Um deles, **“Ruffles - a batata da onda”**, ganhou uma concorrência internacional entre Estados Unidos, México, Espanha e Brasil. Meu jingle foi para o mundo todo.



Como ator, fiz uma campanha que apareceu muito na mídia:

**“Tostines vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais? Qual o segredo de Tostines?”**

Mais uma vez surpreendi o mercado. Eu nunca havia trabalhado com publicidade, mas cheguei nela com tudo.

Ainda nesta fase, recebi um convite para ser um dos **apresentadores** de um programa sobre violão na TV Cultura de São Paulo. Era o **“Violão na TV”**, que fizemos em parceria com **Marisa Leite de Barros**.

Foi uma série de 65 capítulos, onde eu era o professor e ela a aluna.



O programa fez muito sucesso e vendeu muitas revistas que servia de método para os telespectadores. Nele, eu pude utilizar minha experiência de professor de música do **Grupo Ama** e de apresentador da **TV Paulista**.

Estava indo tudo muito bem, quando certo dia, recebi um telefonema de um velho amigo, **Marcelo Gastaldi**, aquele dos Iguais, que tinha me indicado pra resolver um problema que a dubladora da **TVS**

estava tendo, em relação a parte musical. Pedi que eu fosse até a Vila Guilherme, onde era a emissora, e procurasse **Salathiel Lage**, diretor geral de dublagem. Acontece que, nesta época, a dublagem passava por uma reformulação de sistema. Antes, ela era baseada em filmes e, a partir desta época, início dos anos 1980, passou a ser baseada em vídeo-tape. Parecia uma mudança simples, mas não o era.

Os produtos que chegavam ao Brasil em filme traziam consigo uma banda de áudio internacional, as famosas **MEs** (música e efeitos). Com essa banda, a dublagem consistia apenas em traduzir o texto, colocar vozes nas batidas de boca dos atores e mixar essas vozes com a ME, que vinha em fita magnética à parte, mas com furos pra serem sincronizadas nas moviolas,

que era um aparelho que servia pra sincronizar vídeos e áudios em película. Assim, rapidamente, o filme ficava igual ao original. Mas com a chegada dos produtos em vídeo, como seus gravadores somente possuíam um canal de áudio, os vídeos não tinham MEs acopladas. Principalmente porque os produtos, quase sempre, eram gravados ao vivo. Eram humorísticos, entrevistas, shows, variedades, etc.

No filme, era fácil separar a banda internacional, pois os complementos (ruídos, músicas, falas, etc.) eram feitos a posteriori. Pra separar a parte da ME, bastava fechar os canais de falas. Mas nos vídeos, tudo acontecia ao mesmo tempo e não dava pra fazer isso. O som já era mixado em seu único canal. Por isso, pra dublar produtos em vídeo, tinha-se que refazer a ME. Desta

forma, a única coisa que ficava do original era a imagem.

Esse refazimento de banda internacional nos vídeos, num primeiro momento, ficava a cargo de quem comprasse os produtos. Por isso, eles eram mais baratos. Posteriormente, os próprios produtores começaram a se encarregar desse detalhe. Mas isso somente começou a ocorrer no final dos anos 1980. Portanto, a **TVS** teve que produzir essas bandas internacionais por mais de oito anos. E foi justamente para colaborar nessa produção de MEs que a dubladora me chamou. Eu iria cuidar da produção de músicas incidentais inéditas, de músicas de abertura e canções cantadas que aparecessem durante a história. A ordem da casa era que nada ficasse sem ser dublado. No caso das

aberturas, umas poucas seriam feitas versões das originais e a maioria delas, composições inéditas.

Comecei vertendo algumas canções cantadas na série "**I Love Lucy**". Depois fizemos o arranjo, a versão e a produção da abertura do desenho "**Marco**".

Foi quando apareceu a primeira novela mexicana a ter um tratamento brasileiro: "**Os Ricos Também Choram**", em 1982. Fizemos algumas músicas incidentais pra ajudar na composição da banda internacional e, finalmente, produzimos a música de abertura brasileira, a canção "**Sombras**", interpretada por **Sarah Regina**. A gravação da abertura, assim como das músicas incidentais, foi realizada no **Estúdio Avant Garde**, onde eu criava publicidade. Eu havia composto essa

música, uns anos antes, para o cantor **Luis Fabiano**, que não quis gravá-la, mas a canção acabou se encaixando perfeitamente na história. A novela foi um tremendo sucesso e o LP vendeu mais de **200.000 cópias**. Nessa época, a gravadora da TVS, a **SBT Discos**, estava sendo montada.

Contrataram um especialista no assunto (**Antônio Palladino**), que, até então, era diretor da **Som Livre**, gravadora da **Rede Globo de Televisão**. Mas, como ele estava ainda de aviso prévio na Rede Globo e a novela da **TVS** já estava estreando, por motivos éticos, ele não pode cuidar desse primeiro disco. A casa me pediu, então, que eu fizesse isso pelo **Palladino** e acabei juntando as canções, pra montar essa produção.

Esse tipo de solicitação vinda da

emissora para comigo era muito comum, na época. Quando surgia um problema, corriam pra mim e, geralmente, em cima da hora.

Ainda no início dos anos 1980, o cineasta **Francisco Dreux** foi convidado para contar, em um filme, a história do próprio Sílvio Santos, desde seu começo. O produto veio a se chamar "**Sílvio Santos, um Exemplo de Sucesso**", e a própria emissora me indicou ao diretor, que eu não conhecia, na época, para fazer algumas músicas incidentais. Também, quando **Sílvio Santos** se candidatou a **Presidência da República**, a emissora me pediu que criasse um jingle para sua campanha.

Essa minha criação não foi utilizada, pois acharam o jingle muito sério. Queriam algo bem mais popular. O apresentador não

foi eleito e meu jingle foi arquivado.

### **Curiosidades:**

1. Como dá pra observar, embora eu nunca tenha sido funcionário da casa, pouca gente fez tantas músicas para a **TVS/SBT** como eu. Foram **mais de 50**, ao longo dos **15 anos**.

### **19. ABERTURAS E VINHETAS**

Todas as novelas que foram dubladas nessa época, assim como vários longametragens famosos da **TVS**, tiveram minha participação. Dirigi a dublagem musical de clássicos como "**A rena do nariz vermelho**", e "**Papai Noel está chegando**". Na realidade, eu criei esse mercado de trabalho. Antes dessa fase, não

existia dublagem musical. As canções eram legendadas, mesmo em filmes dublados, e as aberturas deixadas em seu idioma de origem. Mas a orientação da casa era dublar tudo e, assim, eu tive que montar um esquema para executar essa determinação.

Antes de partirmos para o canto, eu tinha que refazer o acompanhamento das canções: colocar teclados, bateria, baixo, violão e demais instrumentos necessários pra depois cantarmos. Por isso, ao assistirmos a série "**Chaves**", por exemplo, quando aparece alguém tocando um violão, esse som do instrumento foi gravado por mim.

Por outro lado, o primeiro e mais importante fator para que as dublagens musicais fossem boas, era que elas fossem feitas por cantores. Assim, um mesmo

personagem era dublado por um profissional que era **ator** e cantado por outro profissional que era **cantor**. Desta forma, ficava bem dublado e bem cantado.

Seguindo nossos passos, os estúdios de dublagem tiveram que passar a dublar as aberturas e as canções das séries, mas nem sempre o fazem desta forma. Muitas vezes, dubladores dublam e cantam o produto e o resultado, neste caso, geralmente, é sofrível.

Por escalar somente cantores do primeiro time de São Paulo em dublagens musicais é que séries como "**Jem e as Hologramas**", "**Moranginho**", "**Ursinhos Carinhosos**", "**Querido Pônei**" e as canções das séries "**Chaves**" e "**Chapolin Colorado**" são lembradas com carinho pelos fãs. Nos casos de **Chaves** e **Chapolin**,

ainda demos sorte, porque o dublador destes personagens era exatamente **Marcelo Gastaldi**, aquele nosso velho amigo da TV Paulista e dos **Iguais**, que atuava como cantor e ator já há muito tempo.

Quanto às aberturas, procuramos criar canções que tivessem a ver com nosso povo, nosso gosto musical, nossa maneira de ver as coisas. Assim, desenhos como "**Luluzinha e Bolinha**", "**Angel, a Menina das Flores**", "**Fábulas da Floresta Verde**" e "**Rei Arthur**", sucessos dos anos 1980, receberam como abertura canções brasileiras, que compusemos e arranjamos especialmente para essas séries.

Essas produções saíram em um compacto duplo de uma parceria da gravadora do **SBT** com a **RCA Victor**, em

meados dos anos 1980, com o nome de **"Turminha Zig-Zag"**. Elas foram extremamente caprichadas, gravadas com orquestra de cordas, metais e grande coral, além da base ter sido executada por músicos do primeiro time. Vale a pena ouvir essas gravações.



Outra canção para séries infantis que fez muito sucesso, foi a abertura de **"Punky, a Levada da Breca"**, que fiz em

parceria com **Marcelo Gastaldi**. A canção marcou tanto, que muita gente pensa que era a música original.

Ainda, recentemente, outra emissora, que não o **SBT**, relançou a série, com nova dublagem. Parece que o pessoal de lá estava querendo pegar carona no sucesso sempre alcançado pela **Punky** na emissora de **Sílvio Santos**. Como vinheta de abertura, eles mandaram fazer uma canção **parecida com a nossa**, em **detrimento da abertura original**, o que confirma que a nossa marcou mais.

Por outro lado, produzi muitas vinhetas para a TVS/SBT. Uma de natal, que ficou no ar por mais de 8 anos ("**Luz que trás, o Natal, traga ao mundo, a eterna paz**"), outras institucionais, mas o lote mais forte

foi "**Quem Procura, Acha Aqui**", baseado em campanha norte-americana, que possuía várias versões, de durações diferentes. Essa campanha mexeu com as estruturas das emissoras concorrentes, que tiveram que fazer algo no mesmo padrão. Em anos seguintes, produzi também outra campanha no mesmo estilo. O tema era "**Vem Que É Bom**". Todas de grande repercussão.

### **Curiosidades:**

1. Até cheguei a oferecer a nossa vinheta da **Punky** pra Bandeirantes, pra eles sincronizarem com a imagem que criaram, mas eles preferiram a cópia mesmo. Fazer o que, né? A série não foi bem na nova emissora. Houve muita comparação com a dublagem e abertura originais.

## 20. ONZE ABERTURAS DE NOVELAS

Depois do sucesso de "**Os Ricos Também Choram**", mais dez novelas tiveram minhas músicas como abertura: "**Chispita**" teve as canções "**Anjo Bom**" e "**A Família**", composições minhas, em parceria com Marcelo Gastaldi, como abertura e encerramento respectivamente. As duas cantadas por **Sarah Regina e a Turma Levada da Breca**, para as quais eu fiz também os arranjos, que foram gravados nos **Estúdios Krieger**, em 1984, em São Paulo.

Geralmente, as parcerias são divididas de forma que, um parceiro faça a letra e o outro a melodia. Todas as minhas parcerias com Marcelo Gastaldi foram feitas desta

forma, menos "**Anjo Bom**", onde ele fez a primeira parte inteira (letra e melodia), e eu fiz a segunda parte também inteira.

Além de "**Os Ricos Também Choram**" (1982) e de "**Chispita**" (1984), fiz também, com alguns parceiros, a abertura de mais nove novelas:

- **Amor Cigano** (Mário Lúcio de Freitas e Antônio Palladino), cantada por João Marcel (1983);

- **Pecado de Amor** (Mário Lúcio de Freitas), cantada por mim mesmo (1983);

- **Sombras do Passado** (Mário Lúcio de Freitas), cantada por Luis Ricardo (1983);

- **O Direito de Nascer** (Mário Lúcio de Freitas e Antônio Palladino), cantada por Jerry Adriani (1984);

- **Estranho Poder** (Mário Lúcio de Freitas e Marcelo Gastaldi), cantada por Sílvio Britto (1984);
- **Jerônimo** (Mário Lúcio de Freitas e Marcelo Gastaldi), cantada por Gilberto Santamaria (1984);
- **Lupita** (Mário Lúcio de Freitas), cantada por Meireane (1985);
- **Angelito** (Mário Lúcio de Freitas) cantada pelo grupo Lay Out (do qual fazíamos parte) (1985) ;
- **Viviana em Busca do Amor** (Mário Lúcio de Freitas e Marcelo Gastaldi), cantada por Wilson Miranda (1985).

Todas elas ganhadoras de concorrência interna na gravadora da emissora. Veja que foram, ao todo, doze canções sincronizadas com créditos de novelas da **TVS/SBT**.

Ainda nesta época, lançamos dois LPs pela Gravadora Avant Garde: "**Gota Mágica**", um trabalho solo e autoral meu, e "**Felina**", também um trabalho solo da cantora **Sarah Regina**, que saiu numa parceria **Avant Garde** com a **Gravadora do SBT**, que teve muitas chamadas de televisão. Produzi e arranjei esses dois discos. A banda que acompanhava Sarah Regina nesta época, que inclusive gravou o disco "**Felina**", era formada por **Mário Lúcio** (guitarra), **Chiquinho Rodrigues** (teclados), **Nicolau Oliveira Neto** (contrabaixo) e **Parrom** (bateria).

### **Curiosidades:**

1. Curiosamente, a canção "**Felina**", que deu título ao LP de Sarah Regina, foi composta por mim para a abertura da

novela "**A Leoa**", mas que não veio a ganhar a concorrência entre as canções indicadas pela gravadora.

2. A contra capa de meu LP "**Gota Mágica**" foi assinada por alguns artistas famosos, entre eles **Ivan Lins**, **Adilson Godoy** (Zimbo Trio) e o maestro **Cyro Pereira**. Tinha uma capa dupla, com um trabalho gráfico bem acima da média do mercado, na época. Esse cuidado se deveu ao lado publicitário de **Armando Mihanovich**, responsável pela capa.



A TVS/SBT sempre teve um departamento musical contratado, dirigido por **Osmar Milani**, conhecido maestro, que ficou na casa por muitos anos. Quando um programa novo fosse estrear, pedia-se ao departamento musical que criasse uma abertura especial para ser sincronizada com as imagens da vinheta. Contudo, sua criação musical nunca caía nas graças do departamento visual e dos artistas dos programas. Tudo o que era feito por ele, era reprovado.

Quando ia estrear um programa, por norma, pediam ao departamento que criasse uma vinheta. E o pessoal fazia uma, duas, três, até quatro tentativas e nunca acertava. A música era sempre reprovada. Com isso, a data da estreia do programa ia se aproximando. Quando chegava na véspera

do programa ir ao ar pela primeira vez, ligavam pra mim, dizendo:

**"Maestro"** (assim que eles me chamavam, de **Maestro Fominha**),

***"você pode dar uma passadinha aqui agora?"***

E eu já sabia que vinha pepino. Logo ao chegar à emissora, eles já me mostravam as imagens da vinheta pronta, faltando apenas criar uma canção que se sincronizasse com as imagens e que tivesse pique e criatividade necessários para um bom resultado. Davam-me uma cópia em VHS e pouco mais de doze horas pra entregar o trabalho.

Desta forma, ou semelhante a ela, foram feitas as aberturas do **"TJ Brasil"** (no

ar de 1988 a 1997), "**TJ São Paulo**" (de 1988 a 1991), "**TJ Internacional**" (de 1988 a 1990), além do último arranjo do tema do "**Aqui Agora**" (de 1996 a 1997), entre muitos outros.

No caso do "**TJ Brasil**", o jornalismo da casa passava por uma crise de confiabilidade. Havia colocado no ar um sem número de equívocos vexatórios, que o tinha marcado como algo um tanto despreparado e mal cuidado. Como telespectador, ainda me lembro da posse do **Presidente Tancredo Neves**, quando o SBT colocou no ar, na véspera da transição, um especial sobre o novo presidente que iria ser empossado no dia seguinte, falando que ele faria isso e aquilo, que desceria por aquelas escadas, etc. Isso tudo quando o Brasil inteiro já sabia que não haveria posse

nenhuma, já que ele havia sofrido um mal súbito, horas antes.

Todo mundo já tinha conhecimento, menos a emissora, que pagou esse mico. Cheguei até a ligar pra lá, mas na técnica só tinha um rapaz que estava pondo a gravação no ar. Então, falei pra ele: "**Tira isso do ar, não vai haver posse**". E ele me respondeu: "**Não tem o que por no lugar**". Aí eu falei: "**Coloca o pica-pau, ou qualquer coisa**". Mas não teve jeito.

Todo mundo sabe que jornalismo gravado dá problema, pois a situação pode se modificar em minutos. No caso do "**TJ Brasil**", quando saí do **SBT** na Vila Guilherme, por volta das 18:00 horas, em meu carro, já fui pensando em fazer algo que viesse dar credibilidade, um tema sério.

Mas aí me lembrava das aberturas da emissora, geralmente, com temas bem populares, tipo “**Sílvio Santos vem aí**”, “**O Sílvio Santos é coisa nossa**”, cantados, às vezes, ao vivo pelos jurados ou tocados pela banda do programa; também me lembrava do meu jingle para Presidente da República, que havia sido reprovado por ser sério demais, etc. Mas o que vinha em minha cabeça era um tema sinfônico. Mas como utilizá-lo, numa casa que primava pelo quase popularesco? E o tema não saía da minha cabeça.

A melodia e o arranjo foram se formando rapidamente. Quase bati meu carro na marginal Tietê, por causa desses pensamentos.

Foi quando falei pra mim mesmo:

***"Vou fazer este mesmo. Como estamos a algumas horas da estreia, não vão poder reprová-lo. Vão ter que confiar em meu taco".***

Cheguei em casa, e antes mesmo de escrevê-lo nas partituras, já convoquei os músicos e reservei horas de gravação no **Estúdio Guidon**, em São Paulo. No final da noite, lá estávamos nós gravando a abertura para **Bóris Casoy**. Fiquei mixando até de madrugada.

No começo da tarde do dia seguinte, o da estreia, eu entreguei a canção para ser sincronizada com as imagens da vinheta, pra colocá-la no ar algumas horas depois.

O pessoal que ouviu o tema, com certeza, estranhou. Não tinha nada a ver

com a casa, mas, pela falta de tempo, como eu já supunha, nem ousou tecer algum comentário. Assim, foi para o ar o primeiro **TJ Brasil**, com meu tema sinfônico. Como a ideia de Bóris Casoy era exatamente a de dar confiabilidade a seu noticiário, meu tema se encaixou como uma luva, recebendo elogios de toda a mídia, inclusive do cantor **João Gilberto**, que teceu comentários favoráveis, em entrevista a **Revista Veja** e ao programa de TV de **Amaury Júnior**.

Um dos diferenciais do programa era a opinião pessoal do Bóris. Ele olhava pra câmera, numa enquadração mais próxima, tecia seus comentários, geralmente muito duros, e no fim, falava seu bordão :

***"Isso é uma vergonha".***

Recentemente, estive com Bóris em sua casa, quando relembramos desta época memorável.



### **Curiosidades:**

1. Posteriormente, ainda fiz mais uns cinco ou seis arranjos desse tema, que ia se modificando quando as imagens eram trocadas.

Ficou no ar de 1988 a 1997, enquanto Bóris esteve na emissora.

2. Que fiquei sabendo, teve apenas um tema feito pelo departamento musical do SBT que foi aprovado, mas só que o pessoal não gostou do arranjo. Era a abertura do **"Veja o Gordo"**. O **Jô Soares** teria dito que até poderia usar aquela vinheta, mas com um arranjo mais moderno. Aí vieram me pedir pra fazer o arranjo, mas não aceitei de forma alguma. Eu disse que poderia fazer um novo tema, mas não gostaria de interferir no trabalho de outro profissional. Isso seria antiético. Fui chamado até na sala da **Presidência do SBT**, quando **Luciano Callegari** me pediu pessoalmente para que eu o ajudasse nesse sentido (aquele mesmo Luciano que contracenou comigo no **Parque de Diversões**, na **TV Paulista**, nos anos 1960), mas eu preferi ficar fora dessa.

Se eu tivesse aceitado, seria mais uma

abertura pro meu curriculum. Eu em soube quem a finalizou.

## 22. SHOWS E ENTRETENIMENTO

A linha de shows do SBT, muitas vezes, preferia músicas ao vivo, ao invés de vinhetas criadas. Não havia imagens sincronizadas. Como já disse, eram jingles cantados "in loco", melodias interpretadas pela banda do programa, com a vibração da plateia, etc. Porém, a gente mudou isso com o tempo. Várias aberturas foram feitas pra linha de shows e programas humorísticos, sendo que as que mais se destacaram foram:

- **TV Powww** – (de 1984 a 1986)

Apresentado por Mara Maravilha.

- **Hebe** – (de 1986 a 1993)

Apresentado por Hebe Camargo.

· **A Praça é Nossa** – (1987) A variante do SBT da famosa “Praça da Alegria”.

· **Dó ré mi fá sol lá Si-mony** – (de 1988 a 1989) Apresentado pela cantora Simony.

· **Show de Prêmios** – (1990) Apresentado por Sílvio Santos.

· **Programa Livre** – (de 1991 a 2003) Apresentado por Serginho Groisman.

· **Escolinha do Golias** – (de 1992 a 1998 e em 2007) Com Ronald Golias e grande elenco de comediantes.

Em “**Dó ré mi fá sol lá Si-mony**”, também no programa “**A praça é Nossa**”, e em “**Show de Prêmios**” as canções não eram minhas. Fiz, somente, a produção e os arranjos dessas vinhetas. O tema da “**Simony**” era de Renato Barboza e o da “**Praça**”, de Carlos Imperial. “**Show de**

**Prêmios**” já era uma vinheta da casa, para a qual eu fiz uma repaginação, e **“TV Powww”**, era uma vinheta internacional, que fiz uma versão em português.

Curiosamente, a canção **“A Praça”** fora gravada, em 1966, por **Ronnie Von**, quando ele era contratado da TV Excelsior. E a primeira vez que ele cantou esta canção ao vivo, ainda sem a ter gravado, teve como coro, o conjunto **“Os Iguais”**, do qual eu fazia parte. Fiz seu segundo arranjo, em 1990, para o SBT, que ficou no ar por algum tempo, e que foi substituído por arranjo semelhante (nem sei lá por que), que alguém fez baseado no meu. Coisas do SBT.

A abertura do programa **“Hebe”** foi gravada em cima da hora, como quase todas as vinhetas que fizemos para a

emissora. Ela estava indo da TV Bandeirantes para o SBT e, por isso, sugeriram-me que falasse sobre uma estrela que mudara de constelação, etc. Teria que ser um jingle. Mas, como estava em cima da hora, utilizei a melodia e o play back de um fonograma que eu havia feito para um anunciante e que não havia sido aprovado. Assim, nasceu o tema **“Uma Estrela no Ar”** (abertura do programa Hebe), para o qual fiz mais de cinco arranjos diferentes. O primeiro, com letra completa, mas nos arranjos seguintes fomos tirando aos poucos a letra, ficando somente o refrão e depois, somente a assinatura:

**“Uma estrela no ar, Hebe”.**

## Curiosidades:

1. A urgência na gravação das vinhetas era constante, como já comentei. A solicitação quase sempre vinha no dia anterior, à tarde. Mas houve um caso, a do "**Programa Livre**", que isso se tornou mais agudo. Ela foi gravada no próprio dia da estreia, à tarde. E o programa, que seria vespertino, entraria no ar às 17:00 horas. Como a solicitação foi extremamente em cima da hora, e ainda tinha que ser sincronizada com a imagem no próprio SBT, na Vila Guilherme, a correria foi grande. Lembro-me ainda que o pessoal da criação gráfica do SBT saiu da **Marsh Mallow** às 16:00 horas correndo, numa perua da emissora. Mas um fato curioso ocorreu nessa estreia, que marcou bastante.

É que, de fato, eles conseguiram fazer a sincronização com a imagem e colocar a fita no gravador para soltá-la na hora do programa, só que, no momento de entrar no ar, o sonoplasta, no momento, comeu bola e não abriu o canal de áudio e toda a nossa correria não serviu pra nada. A abertura foi para o ar muda. Assim, nossa vinheta somente estreou, de verdade, no encerramento do primeiro programa. Coisas do SBT.

2. Acabei criando a abertura de um programa do Golias em 1992, o mesmo que ajudou a me salvar daquele “**branco**” dos anos 1960, na TV Paulista. Nas reprises de 2007, chegaram a usar minha vinheta nos primeiros programas, mas alguém os avisou que era minha e tiraram correndo.

## 23. TURMA DA MÔNICA

Em 1987, fizemos vários trabalhos para Maurício de Sousa. Entre eles, o longametragem "**Estrelinha Mágica**", que estreou na Rede Globo na noite de natal, e o LP "**Turma da Mônica**", que é utilizado até hoje em muitos projetos, além de produzirmos vários comerciais de TV. Porém, teve um pacote de vinhetas de natal, encomendado pela Rede Globo, que foi especial. Era o "**Natal de Todos Nós**".



Cada personagem dava sua mensagem, segundo suas características e

personalidade. O próprio Maurício participava, fazendo uma pergunta a cada um deles, à qual o personagem respondia. Foram veiculadas uma a uma em intervalos comerciais da emissora.

Para essas vinhetas, fizemos todos os arranjos musicais, baseando as melodias nas composições do LP. Os personagens das vinhetas eram **Mônica, Cebolinha, Cascão, Jotalhão, Chico Bento, Bidu, Anjinho, Astronauta, Magali, Horácio e Estrelinha Mágica.**

### **Curiosidades:**

1. Enquanto eu estava gravando as músicas do longametragem "**Estrelinha Mágica**", parece que, por uma sabotagem, o estúdio de Maurício de Sousa, que era

num subsolo da Rua das Palmeiras, em São Paulo, num determinado dia, amanheceu debaixo d'água. Como nosso prazo era curto, foi mais uma dificuldade que tivemos que superar pra entregar o filme no dia certo. Mas conseguimos.

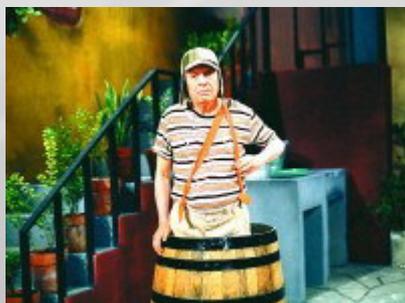
2. Outro problema que encontramos nessa criação é que o filme foi sendo feito juntamente com a criação da trilha, pois as filmagens também estavam atrasadas. Assim, tivemos que nos basear nos mapas de filmagens e não nas imagens propriamente ditas. Inclusive em cenas sincronizadas com o som. Mas acabou dando tudo certo.

## **24. LP DO CHAVES**

Como os trabalhos eram muitos, pensei em montar uma produtora para

facilitar e agilizar as gravações. Assim, em sociedade com **Gilberto Santamaria**, criamos a **Marsh Mallow**, em 1985. Mas não tínhamos estúdio e nem dinheiro para montá-lo. Assim, fizemos uma parceria com os **Estúdios Transamérica**. Mas como nosso trabalho vinha se destacando, em 1987 montamos o estúdio da produtora, com a inclusão de mais um sócio: **Antônio Palladino**.

Um dos trabalhos gravados no estúdio foi o LP **Chaves**, tido por muitos como uma relíquia. Foi feito, numa parceria do SBT com a produtora de vídeos Diana Backstage.



Quando a emissora pensou em fazer o disco, como eu havia cuidado de toda a direção musical de dublagem e criado várias músicas incidentais para a série, ela me indicou para ser seu produtor e um dos arranjadores. Então, pegamos algumas canções que faziam parte dos capítulos da série e compusemos, com parceiros, algumas canções inéditas para o disco.

Assim, nasceram os temas do "**Kiko**" (Mário Lúcio de Freitas e Marcelo Gastáldi), "**Madruga**" (Mário Lúcio de Freitas e Marcelo Gastáldi) e "**Aí Vem o Chaves**" (Mário Lúcio de Freitas e Antônio Palladino), além do tema da "**Chiquinha**" (Fernando Netto e Marcelo Gastáldi), que eu interpretei como cantor.

Nos anos 1980, a série **Chaves** ainda não tinha o prestígio que conseguiu posteriormente, em meados dos anos 1990.

Por isso, o LP, na época, vendeu pouco mais de **60.000 cópias**. O próprio **Marcelo Gastaldi**, dublador do personagem, que falecera em 1995, não chegou a ver muito bem o êxito de seu trabalho, o que foi uma pena.

A série era mais ou menos um quebra galho da emissora, que não a levava muito a sério. A própria mídia dizia que ela tinha sido mal dublada, mas hoje é uma referência de dublagem bem feita. É que a mudança de filme para vídeo na dublagem modificou um pouco a sonorização dos produtos e muita gente estranhou. No vídeo, os planos são mais fechados, as câmeras trabalham mais próximas, quase não tem planos gerais, muito abertos, pois são feitos com cenários e não em locações.

Em seus últimos lotes, os capítulos das séries "Chaves" e "Chapolin Colorado" foram

dublados pela **Maga** nos **Estúdio da Marsh Mallow**, já que a dubladora do SBT havia fechado e a Maga não tinha estúdio próprio.

A partir de 1989, o SBT assumiu a faixa do disco "**Aí Vem o Chaves**" (Mário Lúcio de Freitas e Antônio Palladino) como vinheta de abertura, de ida e vinda de comerciais e de encerramento do programa, o que vem ocorrendo até hoje.

### **Curiosidades:**

1. A série Chaves quase que não foi para o ar no SBT. O departamento artístico da emissora chegou a reprová-la, dizendo que era muito fraca, muito infantil e que criança não gostava desse tipo de humor. Somente uma insistência do diretor da dubladora, **Salathiel Lage**, junto a **Sílvio Santos** que fez a emissora mudar de ideia.

E assim mesmo, a contragosto.

2. O personagem **Chaves** é um menino que, em várias cenas, aparece dentro de uma barrica, semelhante a meu personagem no **Parque Petistil**, dos anos 1960, cujo símbolo também era um menino dentro de uma barrica. **Petistilino e Chaves**: a coincidência das barricas.

3. Posteriormente a gravação deste LP, **Antônio Palladino** voltou para a Som Livre, deixando a direção geral da gravadora do SBT, o que nos abriu a possibilidade de, ao menos, concorrermos com os produtos a serem lançados pela gravadora da Rede Globo.

## 25. MÚSICAS PARA A REDE GLOBO

Como **Paladino** participava das reuniões da Som Livre no Rio de Janeiro, do que seria ou não lançado, ele passou a oferecer para a gravadora, algumas produções que íamos criando.

Assim, surgiram alguns trabalhos que se destacaram, entre eles os Lps, "**Tevelândia**", "**Cantando a Tabuada**", "**Chansons d'Amour**", "**Parlando d'Amore**", "**Country & Western**", "**Boleros con Amor**", "**25 Anos da Jovem Guarda**", "**Sertanejo Bom de Dança**", entre muitos outros, além de dois discos infantis que ganharam o **Prêmio Sharp de Música** em 1990: "**Orquestra Toca-Toca**" (Melhor Disco Infantil) e "**Nossos Amigos os Animais**" (Melhor Canção). Todos

gravados nos Estúdios da Marsh Mallow.

- **Tevelândia** – Gravadora Som Livre, 1986 - Aberturas de vários programas infantis, de quase todas as emissoras de TV de São Paulo.

- **Country & Western** – Gravadora Cast, 1988 - Pout pourris dos maiores sucessos do country e western americanos.

- **Boleros con Amor** – Gravadora Som Livre, 1988 - Pout pourris dos maiores sucessos do bolero internacional. Um dos discos de carreira do cantor **Santo Morales**.

- **Sertanejo Bom de Dança** – Gravadora Som Livre, 1989 - Músicas sertanejas, com arranjos tipo Ray Conniff.

- **Cantando a Tabuada** – Gravadoras Som Livre e InterCD, 1989 - Ensina a tabuada de uma forma divertida, através de canções.

- **Chansons d'Amour** – Gravadora

Som Livre, 1989 - Pout pourris dos maiores sucessos da música francesa.

· **Orquestra Toca-Toca** – Gravadora Som Livre, 1989 – Em cada canção, um instrumento musical falava de si e de sua maneira de ser.

· **Nossos Amigos os Animais** – Gravadora SBT / Discos Eldorado, 1989 – Em cada canção, um animal falava de si e de sua maneira de ser.

· **No Jeitão da Lambada** – Gravadora RGE, 1989 – Pout pourris de sucessos da MPB em arranjos de lambada.

· **25 Anos da Jovem Guarda** – Gravadora Som Livre, 1990 – Pout pourris dos maiores sucessos daquele movimento jovem.

· **Parlando d'Amore** – Gravadora Live Music, 2003 - Pout pourris dos maiores sucessos da música italiana.

## Curiosidades:

1. O único disco desta época que não foi gravado nos Estúdios da Marsh Mallow foi o LP "**Turma da Mônica**", feito no estúdio na própria Som Livre, em São Paulo, assim como várias vinhetas, como o lote "**Natal de Todos Nós**" e o longametragem "**Estrelinha Mágica**" que produzimos e arranjamos para **Maurício de Sousa**, nos estúdios do próprio Maurício.

## 26. UMA BOA SURPRESA

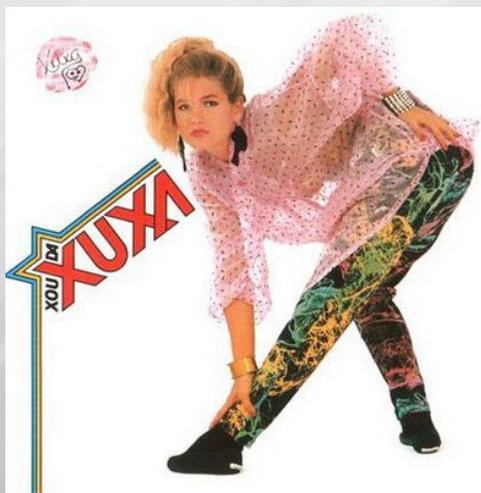
Numa das voltas da reunião da Som Livre, no Rio de Janeiro, **Palladino** me disse que iriam lançar um disco de uma apresentadora que estava há pouco tempo na Rede Globo, que achavam que iria vender umas 250.000 cópias. O disco já estava

pronto, mas que ela disse que sentiu a falta de um countryzinho.

Por isso, **Palladino** voltou no avião fazendo uma letra, para a qual me pediu para criar uma melodia. Cheguei em casa, peguei o violão, fui para o banheiro e, sentado no vaso, fui fazendo a melodia, baseada no que eu conhecia de country, suas sequências e cadências apropriadas, etc.

No dia seguinte, entreguei uma fita demo para o Palladino, que a mandou para o Rio de Janeiro, para o produtor **Guto Graça Mello**. Depois disso, esqueci desse assunto, pois estávamos atarefados com alguns projetos no estúdio. Uma semana depois, chamaram um pessoal pra fazer coro de uma gravação que seria realizada no estúdio da Som Livre, em São Paulo. Nesse coro,

entre outros cantores do nosso time, estava também Sarah Regina. Iriam gravar apenas uma canção, e está canção era exatamente qual? Isso mesmo, aquele country, que fiz com o Palladino. A canção se chamava “**Meu Cavalo Frankstein**” e a cantora apresentadora era a **Xuxa**, em seu primeiro disco, “**Xou da Xuxa**” que vendeu, não os 250.000 previstos, mas sim, **3.500.000 cópias**.



## **Curiosidades:**

1. Mais uma vez consegui surpreender a todos. Pra quem achava que eu não iria mais gravar com nenhum intérprete, aí estava a resposta. E não era em qualquer disco, não. Era um campeão de vendas. E o curioso é que a oportunidade surgiu do fato da **Xuxa** achar que precisaria de um country no disco, que já estava até pronto.

## **27. TEMAS DE NOVELAS**

Nesta época, Palladino também participava da escolha das canções que integrariam os discos internacionais de novelas. Mas, nestes casos, a guerra era bem maior. E para não provocar melindres, passamos a produzir músicas em outro idioma ou instrumentais, composições

nossas ou clássicos da música internacional, que ele oferecia na reunião como sendo importadas. Foi a maneira que utilizamos para furar bloqueios e preconceitos. Assim, produzimos muitos temas, que integraram os Lps **Internacionais de Novelas da Rede Globo**:

- Milk Way - **Sassaricando** (1987).
- Belli Fiori - **Vida Nova** (1988)
- Les Chemins d'Amour e When I Fall in Love - **Que Rei Sou Eu?** (1989).
- Closer Wish - **O Salvador da Pátria** (1989).
- Inside of You - **Rainha da Sucata** (1990)
- Bed is Big Enough - **Mico Preto** (1990).
- Lazy - **Araponga** (1990).
- Strangers - **Meu Bem, Meu Mal** (1990).

· Rock and Roll is Back Again in Town - **Barriga de Aluguel** (1990).

· Morning Dew - **O Dono do Mundo** (1991).

· I Tuoi Occhi Belli e Tea for Two - **Salomé** (1991).

· Tenderness - **Vamp** (1991).

### **Curiosidades:**

1. “**Les Chemins d’Amour**”, tema dos rebeldes de “Que Rei Sou Eu?”, tem em seu arranjo a utilização de um sequenciador de maneira inovadora, sem escondê-lo, como era de costume na época. Eu busquei esse efeito com a finalidade de dar um toque futurista ao arranjo. Os sequenciadores são aparelhos eletrônicos que gravam os encadeamentos de notas musicais, possibilitando que frases difíceis sejam

tocadas mais lentamente, até nota por nota, para depois soltá-las na velocidade certa, sem haver erros de digitação.

2. A canção "**Tenderness**", da novela "Vamp", assim como vários play backs de discos que havíamos produzido nesta época, curiosamente, também foi usada na série **Chaves**, para completar algumas MEs dos capítulos que foram dublados pela Maga nos estúdios da Marsh Mallow. Essas MEs foram feitas no México, mas como essa prática estava começando a ser utilizada, nem sempre vinham a contento.

3. Na canção "**Strangers**", da novela "Meu Bem, Meu Mal", utilizamos um tipo de som de guitarra que **Vincent Bell** também usou na canção "**Airport Love Theme**", em 1970, no filme Aeroporto. Tratava-se de um delay contínuo e forte que repetia as frases musicais de maneira firme e constante.

## OS INCRÍVEIS ANOS 1990

Muitos trabalhos, de várias frentes, foram desenvolvidos nesta década:

- **Planeta Livre** - No começo dos anos 1990, gravamos um LP em dupla. Foi o "Planeta Livre", com **Mário Lúcio e Fernando Netto**, que saiu pela Gravadora RGE. Fazia parte deste LP a canção "**Gota Mágica**" (Mário Lúcio de Freitas), que eu já havia gravado no início dos anos 1980, ainda no Estúdio Avant Garde. Essa canção acabou dando nome a minha produtora individual e também a um estúdio, que construí posteriormente.

- **Itália 90** – Criei e produzi também a trilha sonora do vídeo Itália 90, dirigido por Francisco Dreux (o mesmo de "**Sílvio Santos, Um Exemplo de Sucesso**") sobre

a copa do mundo.

- **Play Back pro Pelé** – Produzi e arranjei um play back para que o jogador fosse se apresentar no programa da Hebe. Como todos sabem, Pelé gosta muito de música e compôs algumas canções. Ele me confidenciou até que **"sua praia não seria o futebol e sim a música"**. Imagina se fosse, então!!

### **Curiosidades:**

1. Quando estávamos divulgando o LP **Planeta Livre**, eu e o Fernando fomos fazer o programa da **Hebe**. Quando chegou a hora de nos apresentar, a Hebe disse o nome da dupla, olhou pra nós e perguntou: **"Quem é o Mário e quem é o Fernando?"**.

Naquele momento, eu achei aquilo

muito estranho. A **Hebe** fazer essa pergunta justamente pra mim, que tinha criado seu tema de abertura há muitos anos, era até cômico. Então, ela não me conhecia? E olha que o tema havia acabado de tocar, na volta dos comerciais.

2. **10 Anos de SBT** – Em comemoração aos 10 anos da emissora, em 1991, foi criado um vídeo que traçava, de modo retilíneo, a carreira do apresentador e empresário **Sílvio Santos** para as agências de publicidade e fãs, em geral. Fiz toda a produção e criação da trilha incidental deste vídeo, que teve a participação do coral de funcionários da emissora.

## **28. MUDANÇA DE CASA**

Em 1990, um de nossos sócios na

Marsh Mallow, **Gilberto Santamaria**, acabou falecendo. A partir daí, aos poucos, nossa sociedade no estúdio veio se desequilibrando. Com isso, eu e **Palladino** não vínhamos nos entendendo muito bem e, pra evitar maiores transtornos, em 1993, resolvi sair da sociedade e partir pra algo somente meu.

Comecei, então, a construir um estúdio, mas enquanto ele não ficasse pronto, a gente combinou que eu ficaria utilizando por mais um ano, um dos estúdios da própria **Marsh Mallow**, mas já como **Gota Mágica**. Durante esse período, a Maga, de Marcelo Gastáldi ainda alugava também outro estúdio da própria Marsh Mallow.

A construção das dependências da Gota Mágica não foi fácil, pois eu ainda nem tinha me livrado das despesas da montagem

da Marsh Mallow e minha saída da sociedade não me capitalizaria muito.

Foi quando, nesta fase, num determinado momento, recebi um telefonema de um empresário espanhol, que estava se radicando no Brasil, que me pediu que o visitasse, ainda em suas dependências provisórias. Ele me solicitou um orçamento para dublar uma série de desenhos animados, que queria trazer para o Brasil.

Eu nunca havia dublado uma série. O que eu havia feito era a direção musical de dublagem e criação de muitos temas de abertura, mas dublagem mesmo, só como ator, quando criança, no Vigilante Rodoviário. Nem bem o preço a ser cobrado eu sabia direito.

Como tinha que mandar um orçamento, e minha filosofia de trabalho sempre foi fazer o melhor possível, procurei

me informar quanto era o preço do minuto de dublagem da **Herbert Richers**, a melhor dubladora do Brasil. Baseado em seus preços, mandei um orçamento com um valor um pouco maior, pra não fazer o serviço, que eu achava que seria uma roubada. Mas pra minha surpresa, e também a dos concorrentes, uns dias após, num determinado momento, recebo outro telefonema do empresário espanhol, que me falou:

***"Mário, o seu preço é o maior do mercado, mas confio em você, que me foi muito bem indicado. Então, mesmo sendo mais caro, você vai fazer a dublagem da série. Passe aqui amanhã, pra acertamos os detalhes."***

Esse empresário era **Manolo**, a firma era a **Samtoy**, e a série a ser dublada era

**“Os Cavaleiros do Zodíaco”**, o maior sucesso em desenho animado de todos os tempos no Brasil.



Mais uma vez eu surpreendia a todos. Uma produtora, que acabava de ser lançada no mercado, faria o melhor trabalho do momento. E o curioso é que eu nunca fiquei sabendo quem me indicou para o Manolo.

Porém, como a **Samtoy** ainda estava se instalando no Brasil, seu capital ainda não havia sido transferido para os bancos brasileiros. Quando entreguei os primeiros capítulos dublados, a Samtoy começou a atrasar seus pagamentos, por causa de problemas com a Receita Federal. Relatei, então, a Manolo que isso não poderia acontecer, pois a **Gota Mágica** era muito nova e não tinha capital de giro pra aguentar essas instabilidades.

Comecei, então, a ficar preocupado, achando que havia entrado numa fria, justamente numa fase de separação de sociedade. Se a **Samtoy** não pagasse, eu teria que arcar ainda com os cachês dos dubladores e diretores. Não seria fácil, exatamente durante a construção de um novo estúdio. Foi quando, então, o Manolo

me telefonou de novo me perguntando quanto ficaria a dublagem da série inteira. Fiz um cálculo rápido e cheguei a uma cifra um pouco grande, já que eram muitos capítulos. Então, pra meu espanto, ele me disse:

***"Arranje uma conta que eu vou transferir da Espanha, em dólar, o valor total da dublagem da série inteira. Assim, não teremos mais problemas desse tipo".***

Isso, não só resolveu esse problema, como me ajudou a construir meu estúdio. Quando terminamos a primeira série, nasceu uma nova casa em São Paulo: a **Gota Mágica, o primeiro estúdio polivalente do Brasil**. A segunda série já foi dublada no novo estúdio.

## Curiosidades:

1. Antes do estúdio da Gota Mágica ficar pronto, havia um curso de violão que saíria em vídeo, pelo **Instituto Universal Brasileiro**. Esse curso já vinha sendo feito há muito tempo. Foi escrito por um de seus colaboradores. Mas esse professor, que escreveu o curso, não estava se sentindo a vontade para apresentar o vídeo. Não tinha prática no assunto.

Assim, através de indicações, chegaram até mim para fazer sua apresentação. Esse curso fez muito sucesso e continua em catálogo naquela editora. Também nunca soube quem me indicou para o **IUB**.

## 29. A GOTA MÁGICA

Com o sucesso dos Cavaleiros, a gente pode alçar voos mais altos. Como a ideia do estúdio era trilhar novos caminhos, já que ele fora preparado tecnicamente para isso, comecei a buscar novas possibilidades de produtos ligados a série. Assim, lançamos pela Sony Wonder o **CD dos Cavaleiros** (vendeu mais de **370.000 cópias**), fizemos comerciais de produtos licenciados, Disk 900, shows em circo, etc. Outro diferencial da Gota Mágica foi a abertura da casa para a imprensa e fãs em geral. Até então, o dublador era um profissional desconhecido da mídia. A partir daí, passou a ser muito mais valorizado, dando entrevistas, sendo reportagens de capa, etc. Veículos como a **Revista Herói**, do **Marcelo Del Greco**, por exemplo, vivia lá na Gota. Esse

entrosamento entre fãs e profissionais que existe hoje nem sempre foi realidade. E o êxito dos Cavaleiros também trouxe para o estúdio, várias outras séries para serem dubladas, que se tornaram sucesso:

**“Dragon Ball”, “Guerreiras Mágicas de Rayearth”, “Sailor Moon”, “Super Campeões”, “Super Human Samurai”, “Samurai Warriors”, “US Manga”, “Fly, o Pequeno Guerreiro”, “Bananas de Pijamas”, etc.**

Alguns discos foram lançados dessas séries:

- **Os Cavaleiros do Zodíaco** – CD lançado pela Sony Wonder em 1995, com várias canções minhas e algumas em parceria com Flávio Guimarães.

- **Guerreiras Mágicas de Rayearth** – CD Lançado pela Sony Wonder em 1997, com várias composições minhas, em

parceria com Oswaldo Biancardi.

- **Bananas de Pijamas** – CD lançado pela gravadora BMG em 1997, com canções minhas em parceria com Oswaldo Biancardi.

- **Super Campeões** – CD lançado pela gravadora RDS em 1998, com composições minhas em parceria com Oswaldo Biancardi.

Para todas as séries, fizemos a música de abertura brasileira, geralmente inédita ou, em alguns casos, vertida.

### **30. OUTROS TRABALHOS**

Além dessas séries de sucesso, vários outros trabalhos foram criados e produzidos pela Gota Mágica, em várias áreas diferentes:

- **Revista Sucesso** – (de 1994 a 1997) A gente vinha atuando na criação de revistas e cursos. Assim, criamos uma série

de publicações e uma revista semanal de violão, editada pelo **Instituto Universal Brasileiro**, a **Revista Sucesso**, que ensinava acompanhamentos de canções.

- **SBT 15 Anos** – (1996) Fizemos a campanha de comemoração dos 15 anos da emissora, com um jingle institucional, nos moldes do “**Quem Procura, Acha Aqui**”, que eu havia produzido nos anos 1980. Nesta vinheta, apareciam imagens de todo o cast da emissora e de programas famosos que integraram sua programação, de 1981 a 1996.

- **ABC do Solfejo** – (1997) Produzimos um método de aprendizagem de leitura musical, estilo Bonna, mas em vídeo, que saiu pela própria Gota Mágica e, cujo trabalho, eu mesmo fiz a apresentação.

- **Aqui Agora** – (de 1996 a 1997) Repaginamos o tema do famoso jornalístico

do SBT, com arranjo mais vibrante, que ficou no ar até o programa deixar a grade de programação da emissora.

- **Longametragens** – também vários longametragens para TV e Cinema. Entre eles, **“Os Cavaleiros do Zodíaco – o Filme”**, (1994), **“Napoleon - As Aventuras de um cãozinho valente”**, (1995), **“Basquiat”**, (1996), **“Breakdown – Implacável perseguição”**, (1997), etc.

### **Curiosidades:**

Nosso arranjo do **“Aqui Agora”** seria utilizado na nova fase do programa, em 2009, mas por motivos de direitos autorais, a emissora apenas o usou nas chamadas, na volta dos breaks e nos comerciais do patrocinador. Na abertura mesmo, usaram aquele arranjo mais antigo.

## **31. COMPOSIÇÕES PARA OUTROS INTÉRPRETES**

Em toda a minha carreira musical, paralelamente ao meu trabalho, sempre compus para outros artistas e para produtos, como séries de televisão, além de fazer também canções para o conjunto que eu estivesse tocando. Assim, tenho composições gravadas com **Os Iguais, The Jet Black's, Sarah Regina, Vanusa, João Marcel, Xuxa, Eliana, Jerry Adriani, Antônio Marcos, Nelson Ned, Meireane, Gilberto Santamaria, Wilson Miranda, Luis Ricardo, J. J. Jackson, Matisse**, etc. E também em discos de séries, como **"Cavaleiros do Zodíaco", "Bananas de Pijamas", "Turma da Mônica", "Turminha Zig-Zag", "Chaves", "Guerreiras Mágicas de Rayearth", "Super Campeões"**, etc.

Indicados pelo SBT, nós participamos do **Festival de Viña del Mar** de 1997, no Chile, representando o Brasil, com a canção "**Viva a Bahia**", numa parceria com Oswaldo Biancardi, interpretada por Sarah Regina. Nessa apresentação do Chile, eu fiz os arranjos e regi a orquestra do festival, com mais de 40 músicos.

### **Curiosidades:**

1. A apresentadora Eliana chegou a gravar três canções de minha autoria. Duas em parceria com Oswaldo Biancardi (**Meu Campeão** e **Álbum de Recordação**), num disco da gravadora BMG de 1997, e uma com Edgard Poças (**Carinhas de Estimação**), também da BMG, de 2000.

Talvez seja a intérprete que mais gravou minhas canções, sem contarmos com

os discos de produto e os dos meus conjuntos.

## **32. A GOTA MÁGICA FECHA AS PORTAS DE SEUS ESTÚDIOS**

As dependências da Gota foram montadas para serem utilizadas por três empresas, que não eram associadas. Um dessas empresas acabou fechando logo de cara, fazendo com que as outras duas ficassem um pouco sobrecarregadas. Uma delas, a **Gota Mágica**. No início de 1998, a segunda também fechou, deixando todas as despesas sobre a Gota, que não aguentou ficar sozinha com toda aquela estrutura, tendo que fechar suas portas.

Também não foi por falta de trabalho e nem de aceitação. Ela era uma empresa

familiar, onde vários integrantes de uma mesma família trabalhavam, e esses integrantes acabaram abandonando o barco, deixando-me sozinho. Eu não poderia gravar voz de mulher, de criança, etc. Ficou impraticável. Além disso, por ter sido montada há pouco tempo, ainda não havia formado seu capital de giro. Mas, sem dúvida nenhuma, basta entrar na internet para ver como inúmeros fãs se lembram com carinho deste trabalho maravilhoso, que marcou época. Em pouco tempo de atividade, apenas 4 anos, a **Gota Mágica** conseguiu o que muitos estúdios, vários há décadas no mercado, não passaram nem perto: **o respeito profissional.**

Praticamente, seu acervo é recheado de sucessos. Todos eles de enorme resposta de mídia. São dublagens, aberturas,

vinhetas, discos e comerciais que deixaram sua marca. Basta ver na Internet quantos vídeos existem feitos pela Gota. Foram quatro anos que jamais serão esquecidos pelos fãs. Muito bons, mesmo.

## **DE VOLTA AO COMEÇO**

### **33. FASE PÓS-ESTÚDIOS GOTA MÁGICA**

Os Estúdios da Gota Mágica encerraram suas atividades, mas eu não deixei de fazer minhas produções. Veja que venho criando canções para serem sincronizadas com imagens de TV desde 1981 e a Gota Mágica somente nasceu em 1994. O que fizemos foi, a partir de seu fechamento, voltar a locar estúdios de

gravação, como eu fazia antes dela, ou gravar nos estúdios dos próprios clientes. Assim, numa nova etapa, já sem o estúdio da Gota Mágica, ainda fizemos para o SBT:

- **Barney e Seus Amigos** – (1998)

Como se tratava de um musical, gravei a série do SBT somente com cantores (mirins e adultos) dublando os personagens.

Gravada nos Estúdios Echo's.

- **Clube do Chaves** – (de 1998 a 1999) Busquei o maior número possível de dubladores da série clássica, para manter a maior autenticidade possível. Fiz a direção geral, dublei o personagem Godinez e alguns extras. Gravada nos Estúdios Echo's.

- **Qual é a Música?** – (1998) Fiz a direção musical de um piloto do programa "Qual é a Música?", que seria modificado, pra ficar mais parecido com o americano. No programa original dos Estados Unidos, as

canções são muito mais instrumentais do que cantadas. A direção geral deste piloto foi feita por uma equipe norte-americana, que faz a produção em muitos países, e a apresentação a cargo de **Celso Portioli**. Mas, por fim, Sílvio Santos preferiu manter o programa como vinha sendo feito há anos no Brasil.

Fizemos também muitos outros trabalhos para clientes e áreas diferentes. Entre eles:

- **Nathional Geographic** - Em 2001, dirigi, num estúdio locado pela JPO, que era a coordenadora do trabalho, a dublagem de 100 documentários para "Nathional Geographic". Nesta série, retirei a famosa "**Voice Over**" (uma espécie de narração que fica falando em cima das pessoas que estão sendo entrevistadas, traduzindo suas falas), substituindo-a por dublagens convencionais.

Essa foi uma ideia que diferenciou esse tipo de produto, tornando-o mais leve.

- **Presidência da República** – Em 2001, arranjei, produzi, e criei, em parceria com **Edgar Poças**, uma campanha publicitária do **PT** a Presidência da República (**P de PT**), gravada no Estúdio **Plug In**, em São Paulo. Essa campanha era composta de mais de 11 jingles e vários spots, nos quais o próprio **Presidente Lula** fazia as locuções.

- **Supermercados Big** - Também, a partir de 2004, voltei a criar jingles no **Estúdio Avant Garde**, para o qual eu havia trabalhado no início dos anos 1980. Entre outros trabalhos, fiz as campanhas de aniversário e natal dos “Supermercados Big”.

- **Rio de Janeiro** - Em 2005, fiz a trilha incidental, a convite de Francisco

Dreux (com o qual trabalhei em “Sílvia Santos, Um Exemplo de Sucesso”, nos anos 1980, e em “Itália 90”), do DVD “**Rio de Janeiro**”, um documentário sobre a Cidade Maravilhosa, para a joalheria **Amsterdam Sauer**. Fiz toda sua trilha incidental, num estilo que mistura Bossa Nova e Música Eletrônica. Esse trabalho foi gravado nos Estúdios **Oficina Eletroacústica**, que passei a utilizar a partir daí.

- **Violão & Guitarra** – Voltei a produzir, a partir de 2006, revistas didáticas para a **Editora Imprima**, aquela mesma do “**Vigu**”, para a qual trabalhei nos anos 1970.

- **A Física e o Cotidiano** – Criei a vinheta de abertura para o telecurso e audiocurso de física para o Estado da Bahia – Final de 2009.

- **Contando e Cantando Cantigas de Roda** – Como escritor, em parceria com

**Hellen Palácio**, criamos para a Editora Vida & Consciência uma coleção de audiolivros infantis, com histórias baseadas nas mais conhecidas cantigas de roda do folclore brasileiro. Chegou ao público em Dezembro de 2010.



▪ **Se Abrindo Pra Vida** – Idealizamos o projeto, em parceria com **Hellen Palácio**, e dirigimos a audionovela do best-seller de **Zibia Gasparetto**. Neste trabalho, inserimos música de abertura e músicas incidentais (que criamos) e efeitos de

sonoplastia para diferenciá-lo do que havia no mercado. Lançado em Dezembro de 2010.

- **Dormindo com os Anjos** (2011) - Produzimos e arranjamos, em parceria com **Hellen Palácio**, o CD da sensitiva **Rita Duller**, que ensina as crianças a rezar e também as ajuda a pegar no sono, com muitas cantigas de roda em arranjos de caixinha de música.

- **Eu acredito em palhaço** (2011) – Produzimos, arranjamos e compusemos, em parceria com **Hellen Palácio**, algumas canções do disco da campanha internacional (**O Dia do Nariz Vermelho**), agora também no Brasil, gravada pelo palhaço **Xibum**, com a participação de vários artistas famosos.

- **Fada Consciência** (2011) – Fizemos o áudio dos dois livros da coleção,

com músicas incidentais e temáticas, ruídos de sonoplastia e vários atores participantes.

- **Animanias** – Em parceria com **Hellen Palácio**, escrevemos a história de dois DVDs - **Zoológico do Avesso** (2012) e **Circo** (2013) - e fizemos seus áudios, com sonorização completa.

Também, em parceria com **Hellen Palácio**, criamos outros audiolivros:

- **Luquinha, o menino que não sabia sorrir**, (2012) pela Editora Boa Nova;

- **A sementinha do bem** (2012) e **Por que não?** (2014), pelo Projeto Tiãozinho. Todos com músicas temáticas, incidentais e sons de sonoplastia, com a participação de vários atores e cantores famosos. E recentemente

• **Tixa, a lagartixa xereta**, (2014)  
pela Vida & Consciência. Já em todas as  
livrarias e sites especializados.



### **Curiosidades:**

1. Coincidentemente, acabei fazendo a direção musical do piloto do programa “**Qual é a Música?**” que foi dirigido musicalmente por muitos anos pelo Maestro Zezinho, o **Zezinho do Acordeom**, que me acompanhava na TV Paulista, nas várias edições do **Parque de Diversões**.

## PARA O MULTISHOW

Mais recentemente, 2018, fizemos a direção musical da dublagem das séries **Chaves** e **Chapolin** para o **Multishow**. Gravamos os play backs, tocando todos os instrumentos, fizemos sua produção, adaptamos as letras das versões e dirigimos as vozes.



Escalamos vários cantores que gravaram as versões originais e o dublador oficial da voz do **Roberto Bolaños** atual (**Daniel Muller**) para que a dublagem ficasse a mais próxima possível daquela que fizemos para a **Maga**, na época da **TVS**, hoje **SBT**, nos anos 1980.

Clipes – “**Uva Passa**”, “**Ouça bem, Escute Bem**”, “**A Caranguinha**” e “**Amigos Palhaços**”.

## O QUE APRENDI COM TUDO ISSO

### 34. A BUSCA DO NOVO

Uffa!!! Muita coisa, né? Mas por todos esses anos, as dificuldades e as soluções que tive que arranjar para superá-las foram me ensinando uma coisa que eu não sabia: **ler as entrelinhas da vida.**

Quando estamos passando por uma experiência, nem sempre sabemos a proporção da sua importância, dos seus ensinamentos. Aquele equívoco do baile dos **Jet Black's**, onde saquei uma arma e dei uns tiros para cima, por exemplo, ensinaram-me que **o diálogo sempre foi e será a melhor arma**; as mudanças de rumo que pratiquei, deixando, às vezes, uma posição importante para buscar algo

diferenciado, como minha saída dos **Beatniks**, que atuava no maior programa de TV da época, o **Jovem Guarda**, para começar de novo, com **Os Iguais** e que dera certo, mostraram-me que **nem sempre o mais fácil é o melhor**, e também ensinaram-me a **acreditar em mim mesmo**, em minhas intuições.

O apostar em algo forte e que desse credibilidade, numa emissora que primava pelo quase popularesco, como o **Tema de Abertura do TJ Brasil** é outro exemplo do acreditar em si mesmo, não temendo os riscos que a busca do se fazer o melhor nos impõe.

Apreendi que as dificuldades foram fundamentais para meu crescimento, pois ouvi muito mais **NÃO** do que **SIM**, mas tudo

isso me transformou no que sou hoje,  
fortalecendo-me.

Percebo que, no decorrer da minha  
jornada, eu plantei sementes durante  
décadas, vi as árvores crescerem e darem  
frutos, fazendo-me parte da evolução da TV.  
Veja que desde os anos 1960 até hoje venho  
deixando minha marca, de maneira  
definitiva.

Nunca imaginei um dia, que existiria  
internet, mas ela, de maneira insofismável,  
comprova o que estou dizendo. Com isso,  
vejo a perfeição do Universo e sou  
abençoado por ter uma história tão rica de  
vida. Rica em ensinamentos, em  
criatividade, e por não ter tido medo de  
acreditar no melhor, de ter sido sempre  
honesto comigo mesmo e de ter ousado.

E, acima de tudo, eu me dei conta de que trazemos em nossa bagagem espiritual, aprendizados de outras vidas. Veja que comecei a cantar e atuar como ator aos quatro anos de idade. Ninguém me ensinou isso, nasceu comigo. Os instrumentos musicais que aprendi a tocar foram quase que espontâneos, nunca fiz curso de nenhum deles. Assim como aprendi a produzir, fazer arranjos, compor, etc. O segredo está em acreditarmos em nós mesmos e não procurarmos copiar ninguém. Por isso, busque sempre o novo, o diferente, o inédito. **Não imite o que está na moda - Faça a moda.** Desta forma, todos terão que seguir seus caminhos e isso o tornará um ser único e diferenciado. Esse é o caminho.

Por fim, tenho certeza que, numa fase de sua existência, você vivenciou meu

trabalho, ouviu minhas composições, quem sabe até cantarolando algumas delas até hoje, mesmo sem saber quem as criou. Mas agora, pelo menos, depois de tudo que vimos aqui, pela relação de trabalhos que citamos para sua **apreciação** e/ou **recordação**, você pode se dar conta de que

**mesmo sem você saber,  
em algum momento,  
meu trabalho fez parte da sua vida.**

**Mário Lúcio de Freitas**



Sem você saber, a vida de Mário Lúcio de Freitas faz parte da sua. Uma trajetória que remonta também a evolução da história da televisão brasileira, da música, das artes na segunda metade do século XX. Mário Lúcio é uma pessoa - e um profissional - que valoriza a alma, a essência de tudo...

**Elmo Francfort**  
(leia o prefácio)

capa por

